



A CRUZ DE JERUSALÉM

2019-2020

ANNALES ORDINIS EQUESTRIIS SANCTI SEPULCHRI HIEROSOLYMITANI

**A Ordem acolhe
o seu novo
Grão-Mestre**



**Prioridade à educação
e à formação das jovens
gerações na Terra Santa**

*Grão-Mestre da Ordem de Cavalaria do
Santo Sepulcro de Jerusalém*
Cardinal Fernando Filoni

*Governador-Geral da Ordem de
Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém*
Leonardo Visconti di Modrone



ANNALES ORDINIS EQUESTRIS SANCTI SEPULCHRI HIEROSOLYMITANI
00120 CIDADE DO VATICANO

Director
Alfredo Bastianelli

Co-director e Chefe de Redacção
François Vayne

Redactora e coordenadora de edição
Elena Dini

Com a colaboração dos autores referidos em cada artigo, do Patriarcado Latino de Jerusalém,
dos Lugar-Tenentes ou dos delegados das Lugar-Tenências

Tradutores
**Claire Barraut, Chelo Feral, Christine Keinath, Emer McCarthy Cabrera,
Vanessa Santoni**

Composição e paginação
info@francescofrascella.it

Documentação fotográfica
**Arquivos do Grão-Magistério, Arquivos do Observador Romano, Arquivos do Patriarcado
Latino de Jerusalém, Arquivos das Lugar-Tenências, Philippe Cabidoche, Cristian Gennari,
Claudio Maina (EWTN News) e outras colaborações indicadas nas legendas**

Capa
O Cardeal Fernando Filoni celebrando a Eucaristia na Igreja do Espírito Santo, em Sassia,
Roma, no dia 1 de Fevereiro de 2020, por ocasião da primeira Missa que presidiu, enquanto
Grão-Mestre da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém.
(Foto Cristian Gennari)

Publicação
**Grão Magistério da Ordem de Cavalaria
do Santo Sepulcro de Jerusalém
00120 Cidade do Vaticano
Tel. +39 06 69892901
Fax +39 06 69892930
E-mail : gmag@oessh.va**

Copyright © OESSH

«Se não quereis morrer, bebei a Caridade»

Trata-se de uma expressão de Santo Agostinho, Bispo, que explicava aos seus fiéis como sobreviver face a uma vida privada sem sentido. Dizia textualmente: «*Nós somos postos à prova pelas inquietações terrenas e inferimos a nossa experiência das tentações da vida presente. Mas se não queremos morrer de sede neste deserto, bebamos a Caridade*» (cf. Comentário à Primeira Epístola de São João).

Enquanto membros da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, nunca deveríamos esquecer a sabedoria daquelas palavras. Com efeito, ninguém está isento das dificuldades terrenas e todos nós somos confrontados com as tentações na nossa vida. Se nos deixarmos dominar pelas dificuldades e tentações, a vida não teria mais sentido e arriscaríamos, efectivamente, a morrer de sede.

«Beber a Caridade», significa torná-la numa necessidade indispensável na vida de uma Dama e de um Cavaleiro, é uma virtude enobrecedora. A nossa assistência à Terra Santa, nos domínios do ensino primário, secundário e universitário, o compromisso com os refugiados e os migrantes, o apoio às famílias desalojadas, representam o unguento precioso, que as mulheres piedosas levaram ao Sepulcro de Jesus para completar o trabalho de compaixão para com o Mestre morto e, que três dias antes não tiveram possibilidade de o fazer. Mas tal não foi necessário. Cristo tinha ressuscitado. Presentemente, Ele está sempre presente entre os pobres de espírito e naqueles que se encontram na indigência material; Continua a estar vivo no nosso mundo, mas sofre ainda e tem necessidade da mesma unção, dessa Caridade pensada antes do mais para o seu Corpo. A Caridade é uma obra de bem que responde àquela exigência e que nunca prescreve.

Na realidade, uma Dama e um Cavaleiro, com a sua contribuição caritativa, colocam-se na esteira histórica e existencial das mulheres e homens que tem um amor único pela Terra Santa; essa Terra pela qual, num ardor de profunda emoção, Jesus chorará (cf. *Lc 19, 42-44*). Sem caridade, a fé está extinta; em compensação, «*na medida em que tiveres feito a um destes meus irmãos mais pequenos, foi a mim que o fizestes*» (*Mt 25,40*). A caridade, na generosidade, na simplicidade e na descrição é um gesto de amor feito em Cristo.

Estas referências incessantes às palavras de Jesus e ao ensino apostólico, recordam-nos que uma Dama e um Cavaleiro do Santo Sepulcro de Jerusalém devem encontrar sempre na realização dos seus gestos, a dimensão cristológica da sua acção, que caracteriza não só a sua vida, mas confere-lhe o sentido autêntico de uma pertença elevada.



DANIEL IBÁÑEZ

O Cardeal Filoni na companhia do Papa Francisco, em 8 de Dezembro de 2019, dia da sua nomeação como novo Grão - Mestre da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém.

Fernando, Cardeal Filoni

SUMÁRIO

A ORDEM EM UNÍSSONO COM A IGREJA UNIVERSAL

- 4** «Os membros da Ordem são embaixadores da Terra Santa»
Entrevista com o Cardeal Parolin
- 7** A voz profética das igrejas do mediterrâneo
- 11** O Cardeal Ayuso e o primeiro aniversário do Documento sobre a Fraternidade Humana
- 15** A ordem parceira da congregação para a educação católica
- OS ACTOS DO GRÃO MAGISTÉRIO**
- 19** Dossier: O Cardeal Fernando Filoni, nono Grão-Mestre da Ordem
- 33** Um ano proveitoso
*Leonardo Visconti di Modrone
Governador-Geral da Ordem*
- 34** A Ordem do Santo Sepulcro desenvolve-se na América Central e do Sul
- 38** Monsenhor Tommaso Caputo novo Assessor da Ordem

- 39** Em memória do Cardeal Montezemolo Assessor de Honra da Ordem

A ORDEM E A TERRA SANTA

- 41** A nova Comissão para a Terra Santa
- 42** Um apoio de 360° na Terra Santa
- 45** Ensinar sobre "A diversidade religiosa" na Terra Santa
- 49** As coleções de arte do Patriarcado Latino

A VIDA DAS LUGAR-TENÊNCIAS

- 53** A Lugar-Tenência da Austrália Ocidental e as ocasiões de encontro com os seus membros malaio
- 54** Jovens voluntários ao serviço da esperança na Terra Santa
- 57** Notícias da Lugar-Tenência de Portugal Peregrinação rumo à Investidura
- 58** Para os Cavaleiros e Damas a Ordem é uma família e a Terra Santa uma segunda pátria
- 60** Os lugares da teofania
- 63** Um novo impulso no México

A palavra do Chanceler

Neste número da Cruz de Jerusalém, revista anual da Ordem do Santo Sepulcro, editada em cinco línguas, consagramos, como capítulo especial, várias páginas dedicadas à recepção do novo Grão-Mestre, o Cardeal Fernando Filoni. Os outros grandes capítulos dizem respeito à vida da Igreja universal, na qual os Cavaleiros e Damas participam de alma e coração, seguindo-se as notícias do Grão-Magistério, e as acções que conduzimos na Terra Santa, em coordenação com o Patriarcado Latino e, por último, os testemunhos vindos das Lugar-Tenências, espalhadas pelo mundo inteiro. Este ano a revista é publicada também em língua portuguesa, graças à ajuda da Lugar-Tenência de Portugal, com o objectivo de reunir num espaço mais alargado o Mundo Lusófono, no qual a Ordem está muito presente, em particular, no Brasil.

Agradeço à equipa do nosso Serviço de Comunicação pelo trabalho efectuado, desejando que a Cruz de Jerusalém seja lida com atenção e utilizada generosamente por todos os membros, de modo a melhor conhecerem a missão essencial da Ordem do Santo Sepulcro ao serviço da Igreja Mãe, que está na Terra Santa.

Alfredo Basianelli, Chanceler da Ordem



Retrato Oficial do Grão-Mestre da Ordem, Sua Eminência o Cardeal Fernando Filoni

«Os membros da Ordem são embaixadores da Terra Santa»



Entrevista exclusiva com o Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado da Santa Sé. “Os membros da Ordem são embaixadores da Terra Santa”, afirma, dirigindo-se directamente aos leitores da Cruz de Jerusalém.

Eminência, desde há três ou quatro anos que a Terra Santa conhece uma excepcional recrudescência de peregrinações. Como analisa este fenómeno que diz respeito à Igreja Mãe de Jerusalém?

As peregrinações são uma importante forma de apoiar a presença cristã na Terra Santa. É também, graças a estas viagens de fé que muitos cristãos podem ajudar os irmãos que aí vivem. Permitem também aos cristãos da Terra Santa trabalharem e providenciarem o sustento das suas famílias. Sem o contributo desta solidariedade, a Terra Santa seria mais pobre, não somente economicamente, mas também do ponto de vista humano. Com efeito, as peregrinações permitem uma troca de culturas, de línguas, de tradições, que levam ao conhecimento e respeito mútuos, promovendo uma socieda-



de fundada em valores de justiça e fraternidade universais. Se, por um lado, os peregrinos trazem recursos para os habitantes destas terras, por outro, recebem muito mais do que oferecem. Na realidade, o peregrino vive uma experiência de fé nos locais da história da salvação que foram testemunhas da passagem de Cristo na Terra. Uma viagem pela memória e, ao mesmo tempo uma redescoberta do Evangelho, que se incarna em todos os tempos e em todas as latitudes.

As peregrinações foram para mim uma forma privilegiada de conhecer, amar e seguir ainda mais o Senhor Jesus. Muitas vezes, com um ligeiro arrepio de receio, ao ter consciência que estava a pisar as mesmas terras que Ele pisou. Mas sempre com uma imensa gratidão e desejo que todos aqueles que façam uma peregrinação a Terra Santa, possam viver os mesmos sentimentos e possam voltar reconfortados na fé e no testemunho cristão.

O que representa para si a Ordem do Santo Sepulcro e qual é o seu lugar na Igreja Universal?

Tendo em conta que é o Papa que indica o Grão-Mestre, poder-se-á dizer que é a única ordem de Cavalaria intrinsecamente ligada à Santa Sé?

«A Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro e a Ordem Soberana e Militar de Malta, são as duas únicas ordens de cavalaria reconhecidas pela Santa Sé. Na primeira o Papa indica o Grão-Mestre, na segunda tem de o confirmar», explica o Secretário de Estado da Santa Sé».

Desde os primeiros tempos da Cristandade, que a Terra, onde nasceu, viveu e morreu o Senhor, ocupa um lugar especial no coração dos crentes das diversas comunidades eclesiais que aos poucos se foram formando além do mundo judeu. Muitos crentes escolheram viver o Evangelho quer de uma forma solitária como eremitas ou juntando-se nos lugares que tinham conhecido a presença terrestre de Cristo, em particular naqueles que estavam ligados à sua vida pública começando pelo Santo Sepulcro. Muitos sentiram também a necessidade de o visitar. Foi assim que começaram as peregrinações, uma viagem devota e existencial que teve um enorme crescimento durante a Idade Média. O nascimento da Ordem Militar do Santo Sepulcro data deste período, com uma referência explícita ao túmulo onde esteve depositado o corpo sem vida de Jesus Cristo e de onde ele ressuscitou. Fez-se assim sentir a necessidade de defender a sua integridade e daqueles que o visitavam. Entre os que se envolveram nessa nobre empresa, encontram-se os Cavaleiros do Santo Sepulcro. Os primeiros documentos em que são referidos remontam a 1336. A partir do séc. XIV, os Papa procuraram fixar regras, nomeadamente no plano jurídico, e, pouco a pouco, alargaram a sua missão para se consagrarem à preservação da fé na Terra Santa e ao sustento de obras caritativas e sociais da Igreja, em particular das promovidas pelo Patriarcado Latino de Jerusalém.

A Ordem beneficiou sempre da protecção dos Soberanos Pontífices. Para citar somente alguns epi-



sódios, lembremo-nos que em 1946, Alexandre VI decidiu que seria ele próprio o Moderador Supremo, delegando nos Franciscanos – aos quais tinha sido confiada em 1342, a guarda do Santo Sepulcro por Clemente VI – o poder de armar cavaleiros os nobres e outros fidalgos quando em peregrinação na Terra Santa. A confirmação deste privilégio acordado aos Franciscanos foi renovado por Leão X em 1516, depois por Bento IV em 1746 e por fim, em 1874 por Pio IX que reconstituiu a Ordem. Em 1888, Leão XIII tornou possível a nomeação de Damas. Em 1907, Pio X decide que o título de Grão-Mestre pertence ao Papa. Em 1932, Pio XI aprova os novos estatutos que permitem que os Cavaleiros e as Damas sejam investidos noutros locais e não somente em Jerusalém. Em 1940, Pio XII nomeia um Cardeal Protector da Ordem. Depois do Concílio Ecuménico Vaticano II, São Paulo VI concede à Ordem a personalidade jurídica vaticana. A Ordem Equestre do Santo Sepulcro é, com a Ordem Soberana de Malta, uma das duas ordens de cavalaria reconhecidas pela Santa Sé. Na primeira, o Grão-Mestre é escolhido pelo Papa, enquanto na segunda ele é confirmado pelo Papa.

No mundo inteiro, os 30 000 Cavaleiros e Damas estão presentes de forma muito activa nas Igrejas locais, fortemente ligados aos

«A tarefa mais marcante é a criação de condições políticas e socioeconómicas que permitam aos cristãos residirem na Terra Santa, pois é do interesse da Igreja que a Terra de Jesus continue a ser uma Igreja construída com "pedras vivas" (1P 2,5)», refere o Cardeal Parolin.

seus bispos que muitas vezes são Grão-Priores das Lugar-Tenências da Ordem. Refere que a missão dos membros da Ordem é serem embaixadores da Terra Santa nas suas respectivas dioceses?

Poderíamos dizer, em toda a verdade, que os membros da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém na sua qualidade de Cavaleiros e Damas, são como “Embaixadores” da Terra Santa. Com efeito, não só vivem a sua fé cristã e manifestam a sua adesão à Igreja católica no meio em que vivem e trabalham – e neste sentido todos os baptizados são chamados a serem “embaixadores de Cristo” (cf. 2Co 5,20) - mas, também, pela sua presença nas paróquias e nas suas dioceses, apoiam as iniciativas a favor dos Lugares Santos e sensibilizam os fiéis para a necessidade de apoiarem financeiramente os cristãos que ali vivem, muitas vezes em condições difíceis senão mesmo dramáticas. Hoje a tarefa mais urgente é a de se criarem condições políticas e socioeconómicas que permitam aos cristãos a sua permanência na Terra Santa, pois toda a Igreja deseja que a Terra de Jesus se não torne num museu de vestígios arqueológicos e de pedras preciosas, mas que continue a ser uma Igreja construída com pedra viva (1P 2,5); cristãos que há mais de dois mil anos continuam a ininterrupta tradição da presença dos discípulos de Cristo. É assim pedido aos membros da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro, que não só promovam a recolha de fundos para as realidades eclesiais da Terra Santa, mas que rezem e trabalhem para que a paz prevaleça sobre as divisões e violências.

Entrevista conduzida por François Wayne

A voz profética das igrejas mediterrânicas

Subordinada ao tema «Mediterrâneo fronteira de paz», o primeiro encontro dos Bispos da Bacia do Mediterrâneo teve lugar em Bari, de 19 a 23 de Fevereiro de 2020.



«**O** anúncio do Evangelho não se pode separar no nosso compromisso com o bem comum e leva-nos a agir como incansáveis obreiros da paz» afirmava o Papa Francisco, na Basílica de Nicolau d e Bari, no passado Domingo, 23 de Fevereiro, no encerramento do histórico encontro que reuniu 58 bispos vindos de 28 países situados na Bacia do Mediterrâneo.

«Hoje, a região do Mediterrâneo está ameaçada por numerosos focos de instabilidade e guerra, quer nos diferentes Estados da África do Norte como entre etnias, grupos religiosos e confessionais; não podemos esquecer o conflito, ainda por resolver, entre judeus e palestinos, com o perigo de soluções não equitativas e, assim, causadoras de novas crises» acrescentava o Santo Padre.

Dois dias mais cedo, a 21 de Fevereiro, milhares de colonos israelitas tinham-se reunido, sem autorização, num terreno pertencente ao Patriarcado Latino, em flagrante violação da propriedade privada. Apesar de inúmeras notícias vindas da Terra Santa sobre a ocor-



Alguns dias antes do início do reencontro em Bari, o Cardeal Gualtiero Bassetti, Presidente da Conferência Episcopal Italiana e Prior da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém na Umbria, organizador destas jornadas, dirigiu uma mensagem aos membros da Ordem. Efectivamente, respondia à questão de saber como manter o processo de Bari: "Continuando a sermos embaixadores de paz convictos e sinceros! Isto significa, não só a ausência de guerra, mas o envolvimento na promoção da dignidade da pessoa humana". Encontrará esta entrevista na íntegra no nosso sítio: www.oes-sh.va.

rência de conflitos contínuos, como a guerra da Síria ou da crise da Líbia, o Papa – no seu desejo de ver ser rapidamente elaborada uma «teologia do acolhimento e do diálogo» – encorajou os representantes da Igreja Católica da região mediterrânica a «reconstruírem os laços que tinham sido cortados, levantarem as cidades destruídas pela violência, fazer florir jardins onde hoje existem terra secas, suscitar a esperança daquele que a perdeu e exortar aquele que está fechado sobre si mesmo a não temer o irmão». Citando Giorgi La Pira, antigo Presidente da Câmara



de Florença e oriundo da Sicília, inspirador deste encontro e precursor do diálogo no Mediterrâneo – este mar de miscigenação que comparava ao “grande lago de Tiberíades” – o Santo Padre sugeriu uma analogia entre o tempo de Cristo e o nosso”. “Da mesma forma como Jesus trabalhou num contexto heterogêneo de culturas e crenças, também nós nos situamos num contexto poliédrico e multi-forme afectado por divisões e desigualdades que afectam a instabilidade. Neste epicentro de profundas linhas de rutura de conflitos económicos, religiosos, confessionais e políticos, somos chamados a dar o nosso testemunho de unidade e da paz.

Nesta perspectiva de paz e de reconciliação, os participantes do G20 católico e mediterrânico interagiram e completaram-se durante cinco dias, como resumiu o porta voz da assembleia, Mons. Pierbattis Pizzaballa, Administrador Apostólico do Patriarcado Latino de Jerusalém, Pro Grão-Prior da Ordem do Santo Se-

O castelo normando-suevo do Imperador Frederico II, em Bari, antiga fortaleza datando das cruzadas, transformou-se num verdadeiro «cenáculo de reencontro» onde os bispos do Mediterrâneo rezaram e reflectiram. «A ideia era conversar numa lógica sinodal, abrindo um processo», advertiu o Cardeal Gualtiero Basseti. Presidente da Conferência Episcopal Italiana, Prior da Ordem para a Umbria, que esteve na origem da iniciativa.

pulcro, realçando a qualidade de escuta que reinou entre os bispos do Médio Oriente, África do Norte e Europa do Sul, assim como a fecundidade das experiências postas em comum e a esperança suscitada por novas propostas nascidas destas trocas.

“As nossas Igrejas desejam tornarem-se numa única voz profética de verdade e de liberdade” afirmou Mons. Pizzaballa, assinalando a vontade unânime de continuar o percurso de solidariedade realizado, por exemplo, através da geminação de dioceses e de paróquias, assim como de voluntariado a criar com vista a um mútuo apoio.

Durante esta sessão de encerramento Mons. Desfarges, Bispo de Alger e Presidente da Conferência Episcopal da África do Norte, falando em nome dos seus confrades, agradeceu ao Santo Padre o seu testemunho cheio de humanidade que ajuda os bispos a responderem a três grandes desafios, o acolhimento dos imigrantes, o diálogo inter-religioso e a ecologia, estando não só ao serviço das suas comunidades, mas também de todos os habitantes da região mediterrânica. Juntos, realizaram de certa forma o sonho de Giorgio La Pira, leigo, católico, italiano, comprometido politicamente depois da segunda guerra mundial, que muito trabalhou em favor do diálogo nas margens do Mediterrâneo, Mare Nostrum, berço da nossa história, herdeiro de Atenas e de Jerusalém, de Cartago, de Roma e de Alexandria. Apóstolo da paz entre os povos, La Pira queria favorecer um espaço mediterrânico, pacificado, na base do diálogo inter-religioso para que as religiões abraâmicas sejam

caminhos de fraternidade e não muros de separação. As suas virtudes heróicas foram reconhecidas em Julho de 2018 e poderá ser brevemente beatificado. Um dos seus filhos espirituais que o conheceu em Florença, o Cardeal Gualtiero Bassetti, Presidente da Conferência Episcopal Italiana, Prior da Ordem para a Umbria, está na origem da iniciativa de reunir em Bari, no castelo normando-suevo do Imperador Frederico II - antiga fortaleza datando das Cruzadas - um verdadeiro cenáculo do encontro. “A ideia era a de se falar, num espírito sinodal, sem se estar à espera de resultados estrondosos ou espectaculares ao abrir um processo”, advertiu o Cardeal Bassetti, certo de que não haverá uma paz duradoira na Europa se não houver paz no Mediterrâneo. Bari, esta cidade ponte que liga o Oriente e o Ocidente era a mais indicada para receber estas jornadas. Ela deu ao mundo um grande sinal de unidade, no espírito de São Nicolau de Myre, Bispo dos pobres, venerado por cristãos e ortodoxos, e cujas relíquias esta cidade guarda, e sob

Tratando-se de pessoas que chegam à Europa, fugindo da guerra e da miséria, dos quais 20000 morreram por afogamento entre 2013 e 2019, Mons Charles Scicluna, Arcebispo de Malta e Grão-Prior da Ordem da Lugar-Tenência daquele país, deseja que as Igrejas participem "no apaziguamento dos corações e curar o medo". Os bispos afirmaram que no meio destes migrantes ou refugiados muitos deles são cristãos e enchem as Igrejas vazias do velho continente.



o olhar do Ícone da Virgem Odigitria, que conduz e guia, desde a época da Igreja indivisa, junta da qual, na Catedral, os bispos do Mediterrâneo se recolheram e rezaram profundamente.

Durante estas trocas de ideias sobre o Mediterrâneo plural num mundo globalizado, foi claro que as Igrejas da Europa, confrontadas com o secularismo, o desencanto e a indiferença, são revitalizadas pelas igrejas do Médio Oriente ou da África do Norte, minoritárias, mas cheias de vitalidade e calorosas. O Cardeal Juan José Omella, Arcebispo de Barcelona, exprimiu-o claramente apelando a uma colaboração sistemática entre dioceses para ajudar algumas paróquias ameaçadas por alguma falta de vigor a encontrarem um novo impulso comunitário entusiástico e contagioso. Por outro lado, os bispos constataram a importância do trabalho nas áreas da educação e do apoio às pessoas como forma de travarem o avanço dos fundamentalistas e vencer fanatismos, principalmente, em países de maioria muçulmana como o sublinhou Sua Beatitude Ibrahim Isaak Sidrak, Patriarca da Igreja Católica Copta do Egito. Os cristãos têm um papel a desempenhar na promoção de um Islão moderado conforme ao estabelecido na declaração de Abud Dhabi assinada pelo Papa e pelo Grande Imã de Al-Azhar, como fez notar o Cardeal Louis Raphaël Sako, Patriarca da Igreja Católica Caldeia, de Bagdad. Os Bispos do Mediterrâneo fizeram ainda um apelo às autoridades civis para que façam desaparecer as causas da imigração, que são as desigualdades económicas e as guerras alimentadas pelo comércio de armas. A Igreja tem que ser uma voz profética e desempenhar o papel de consciência da Europa “declarou a este respeito Jean-Claude Hollerich, Arcebispo do Luxemburgo e Presidente da Comissão dos Episcopados da Comunidade Europeia.

Tratando-se de pessoas que chegam à Europa fugindo da guerra e da miséria – das quais 20 000 morreram afogadas entre 2013 e 2019 – Mons. Charles Scicluna, Arcebispo de Malta e Grande Prior da Lugar-tenência deste país, exprimiu o desejo de que as igrejas ajudem a “desarmar os corações e a curar o medo” para que se faça uma passagem da xenofobia para a xenofilia”. Os bispos fizeram ainda notar que muitos de refugiados são católicos e enchem as igrejas vazias do Velho Continente.

Para preparar os futuros responsáveis que trabalharão pela paz no Mediterrâneo, a reunião de Bari decidiu implementar um projecto para todos os anos enviar doze jovens dos Balcãs, da Turquia, do Médio Oriente e de África para se formarem na Cidadela da Paz, situada em Rodine (<https://www.rondine.org/france/>

quis-sommes-nous/), perto e Arezzo, para descobrir, através de um difícil trabalho de coabitação no quotidiano, que atrás de um eventual inimigo há sempre uma pessoa.

As comunidades contemplativas do perímetro mediterrânico alimentaram na oração este encontro que terminou com uma missa no centro de Bari, na qual o Papa Francisco defendeu o “extremismo do amor” diante de 40 000 fiéis, insistindo na novidade cristã que é o amor pelos inimigos. “Amar e perdoar é viver como vencedores. Perderemos se defendermos a fé pela força. O Senhor repetiria, também a nós, as

palavras que disse a Pedro no Getsémani. “Embainha a tua espada”. (João 18,11). No Getsémani de hoje, no nosso mundo indiferente e injusto, em que parece assistirmos à agonia da esperança, o cristão não pode fazer como estes discípulos que, primeiro, pegaram na espada antes de fugirem” Não, a solução não é desembainhar a espada contra todos e, ainda menos, fugir dos tempos que vivemos. A solução é a via de Jesus: amor activo, amor humilde, amor que vai até ao fim (João 13,1)”.

François Vayne, em Bari

Visita aos Rolos do Exultet de Bari

Quinta-feira, 20 de Fevereiro, os delegados do encontro “Mediterrâneo Fronteira da Paz” visitaram na cidade de Bari os seus lugares mais representativos: a Basílica-Catedral de Santa Maria, a Basílica de São Nicolau e o Museu diocesano onde estão conservados os rolos do Exultet. Estes códices de Bari, dos séculos XI e XII representavam o limiar entre as duas almas da cidade: a latina e a oriental. São pergaminhos, que se desenrolam à volta de um cilindro para anunciar o canto de louvor durante a oferenda do círio pascal.

No ambão, o chantre executava o cântico e as imagens que estavam no rolo, do outro lado do texto, mostravam aos fiéis o conteúdo do hino. Os anjos com Cristo, a Mãe Terra, a Igreja reunida em oração constituem o exórdio. A sucessão de imagens de Cristo que sobe dos infernos, do Cristo PANTOCRA-TOR, da colheita da cera das abelhas, do bispo e do imperador constituem o texto do Exultet dentro da tradição da Itália Meridional. O que torna estes códices tão atractivos e entusiasma qualquer um a conhecê-los? A riqueza dos seus conteúdos expressos pela linearidade das imagens, das palavras e das melodias num rito. Por exemplo, a ideia de uma comunidade sempre capaz de se renovar pela presença do Senhor ressuscitado é transmitida por um pequeno poema, inspirado em Virgílio, sobre as abelhas. O texto sublinha que as abelhas voam de flor em flor para as fecundar num acto de amor, símbolo de uma Igreja que é mãe e que continua virgem. Os bispos puderam reconhecer nestes livros um apelo ao seu serviço pastoral.



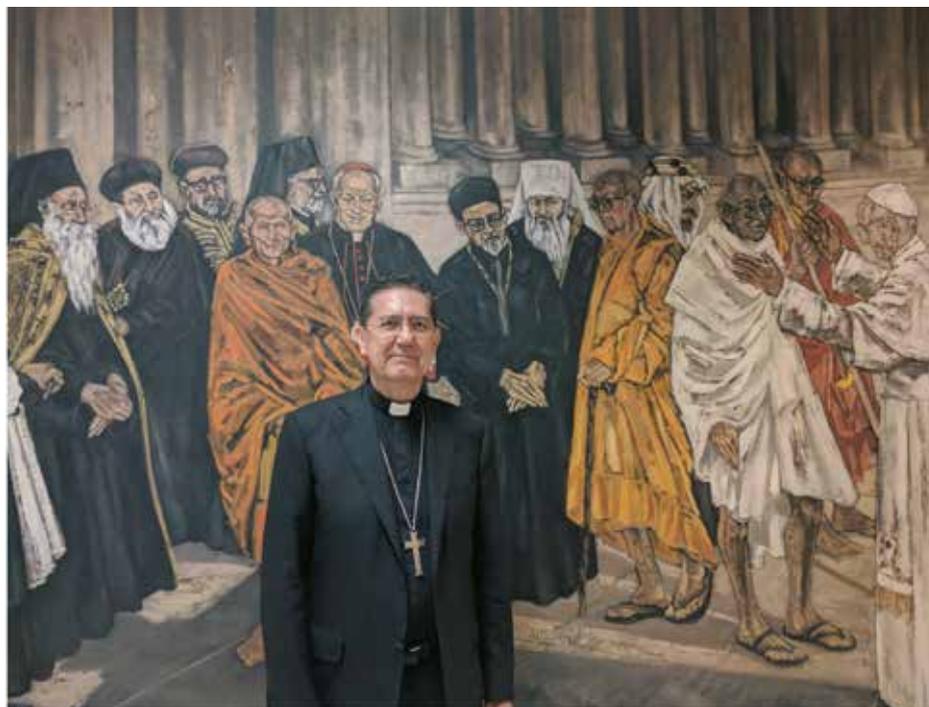
Dom Michele Bellino, Prior da Ordem em Bari, conduziu os Bispos na visita ao Museu Diocesano onde se encontra um documento histórico datado de há mil anos, utilizado liturgicamente para celebrar a vitória Pascal de Cristo.



«Dóceis perante a verdade que testemunhamos e a caminho com homens de boa vontade»

O Cardeal Ayuso e o primeiro aniversário do Documento sobre a Fraternidade humana

No dia 4 de Fevereiro de 2019, o Papa Francisco e o Grande Imã de Al-Azhar, Ahmed el Tayyeb assinaram um documento sobre a Fraternidade Humana para a Paz Mundial e a Coexistência Comum. Um ano mais tarde, refletimos com o Cardeal Miguel Angel Ayuso Guixot, presidente do Pontifício Conselho Científico para o diálogo inter-religioso, sobre a importância do diálogo, particularmente na Terra Santa, e nos temas chave constantes deste documento e sobre o papel da Ordem neste domínio.



COPYRIGHT TELENÁ DINI

Eminência, que caminhos abre este documento sobre a Fraternidade Humana assinado pelo Papa Francisco e pelo Grande Imã de Al Azhar al Tayyeb, há um ano ?

Em primeiro lugar é preciso lembrar que a declaração de Abu Dhabi tem um carácter universal e adapta-se perfeitamente à realidade que se vive no Médio Oriente. Gosto de lembrar o que a este propósito dizia o nosso querido amigo, o Cardeal Tauran: “O Médio Oriente é um laboratório “porque na população local, respira-se um profundo respeito pelo outro, um elevado nível de responsabilidade e de solidariedade, apesar das dificuldades sociopolíticas. A maior parte do peso do acolhimento dos refugiados repousa, por exemplo, em países como o Líbano e a Jordânia. Para lá da versão pessimista, cada cidadão e crente é chamado a trabalhar para o bem comum. O

documento de Abu Dhabi traçou um Road Map nesta direcção. Fraternidade, paz e coexistência são os três elementos essenciais através dos quais temos de percorrer uma via de integração para curar as feridas do Mundo. O único remédio que pode curar o populismo passa pela fraternidade humana que nos une. As problemáticas que criam dificuldades e põem obstáculos ao clima de comunhão têm um carácter político e ideológico.

O documento de Abu Dhabi deve ser proposto e re-proposto sem cessar. Não devemos esquecer que o Santo Padre quis assiná-lo pessoalmente: não é uma mera declaração final de uma conferência. Depois da sua apresentação é preciso dá-lo a conhecer principalmente através de instituições educativas e de escolas.



O Cardeal Miguel Ayuso Guixot, Presidente do Pontifício Conselho para o diálogo inter-religioso, participou no primeiro aniversário da assinatura do Documento sobre a fraternidade humana para a Paz mundial, no início de fevereiro de 2020, em Abu Dhabi.

Qual é a especificidade do diálogo na Terra Santa?

Se o coração da Terra Santa é a cidade de Jerusalém e o Papa Francisco, aquando da sua viagem a Marrocos em Março de 2019, quis assinar com o Rei Mohammed VI um documento para a protecção e defesa da cidade de Jerusalém, Cidade Santa, centro das três religiões monoteístas, afirmando nessa ocasião: «Nós consideramos importante preservar a Cidade Santa de Jerusalém/AL Qods Acharif como património comum da Humanidade, sobretudo para os fiéis das três religiões monoteístas, como lugar de reencontro e símbolo de coexistência pacífica, onde são cultivados o respeito recíproco e o diálogo».

Se Jerusalém, vive uma situação de diálogo, de entendimento de comunhão entre judeus, cristão e muçulmanos, pode espalhar o seu brilho em toda esta região, que viu as suas comunidades interagirem de formas diferentes.

Sabemos que não podemos compreender o Médio Oriente sem os cristãos, mas que também não é possível fazê-lo sem o diálogo inter-religioso. A especificidade desta terra é o ADN da realidade que aqui se vive.

A questão da cidadania tem um papel importante para permitir o florescimento do diálogo...

O início desta discussão por parte da Igreja Católica

vem do embrião do Sínodo do Médio Oriente onde era pedido que os cristãos não fossem considerados cidadãos de segunda classe, mas como cidadãos na sua plenitude. Foi a partir daí que se desenvolveu um diálogo sobre o tema e em que pessoalmente me comprometi com esta orientação, para afirmar que, como cristãos, não queremos ser protegidos, defendidos, tolerados. Queremos ser plenamente cidadãos, e trabalhar com os outros para o bem comum. Foi o que o Cardeal Tauran, quando da sua última visita à Arábia Saudita (Abril de 2018) teve também ocasião de partilhar.

Inúmeros passos em frente foram dados e não podemos esquecer as palavras do Imã de AL Azhar por ocasião da assinatura do documento de Abu Dhabi, quando lembrou que, apesar das diferentes comunidades de pertença, somos irmãos e não estrangeiros ou pessoas que devam ser protegidas. A cidadania plena é um elemento fundamental para preservar a identidade. É portanto necessário trabalhar com respeito e amizade para o bem comum, como deseja o Papa Francisco, para lá das diferenças religiosas e das questões de maioria ou minoria. Trata-se de um domínio onde não conta o número de pessoas numa comunidade ou noutra; cada pessoa deve ser respeitada na sua individualidade não deixando de contar, como é evidente, com os que não pertencem a nenhuma tradição religiosa.

Quais são, para si, os maiores desafios que percipiona e quais os elementos de esperança?

Conhecemos bem as dificuldades e os aspectos negativos, mas gostaria de falar do que há de positivo num convite ao optimismo. Lembro-me do nosso saudoso Cardeal Tauran, que face a tantas dificuldades de carácter político e económico, fazia sempre referência à lei internacional. Muitos dos nossos conflitos poderiam ser facilmente resolvidos aplicando a lei.

Mais do que falar das problemáticas, falarei das riquezas e do património cultural, histórico, litúrgico e de coexistência dos quais esta região se deve orgulhar. No Médio Oriente é importante ter de novo consciência do facto de sermos cidadãos e crentes e, como tal, devemos construir a sociedade enriquecendo-a com os valores das nossas respectivas religiões, passando da diversidade respeitosa à comunicação de valores partilhados, a partir dos quais podemos recriar esta coexistência que não é de tolerância, mas sim a capacidade de viver na diversidade. É comum ouvir-se falar de dificuldades e de problemáticas, mas a minha experiência de missionário ensinou-me que as pessoas comuns, ao contrário, vivem muitas vezes num espírito de proximidade e de coexistência

A palavra “diálogo” é utilizada em numerosos contextos de diferentes maneiras. Como a descreveria?

No site do Conselho Pontifício para o diálogo inter-religioso, escolhemos colocar uma frase que representa bem o diálogo: «O diálogo exige, falar e ouvir, dar e receber, o crescimento e o enriquecimento recíproco. Baseia-se no testemunho da própria fé assim como na abertura à religião do outro. O diálogo não é uma traição à missão da Igreja, nem uma nova forma de conversão ao cristianismo».

O diálogo é uma atitude existencial que nos abre à realidade do outro. Lembro-me da mensagem que o Papa Francisco nos enviou por ocasião do 50º aniversário do nosso dicastério e na qual, entre outras coisas, lembrava-nos que devíamos ser companheiros de estrada de cada ser humano no nosso caminho para a verdade. Como dizia o Papa Bento XVI, não somos nós que estamos na posse da verdade, ela é que nos possui.

Temos de nos tornar obedientes a esta verdade que testemunhamos e pormo-nos a caminho com os outros de boa vontade. Daí a condenação de todo o tipo de proselitismo que vá contra os princípios fundamentais da Igreja e das outras tradições. Devemos ter uma sólida formação sobre a nossa tradição religiosa

e uma boa informação no que respeita à dos outros. Temos, certamente, a responsabilidade de termos recebido um mandato de Deus, mas a nossa vida deve ser um anúncio permanente. Devemo-nos perguntar como somos testemunhas da verdade. Se o formos de uma forma autêntica, aí encontra-se Deus. É verdade que, por vezes, alguns querem impor a única nota que sabem tocar, mas não devemos esquecer que se quisermos fazer um concerto, o desafio é juntar as diferentes notas para criarmos uma sinfonia.

Como podemos, mais concretamente, trabalhar para pormos em prática uma atitude marcada pelo diálogo nas nossas realidades quotidianas?

Monsenhor Yohannis Lahzi Gaid, secretário particular do Papa Francisco, e membro do Comité Superior, instituído para por em prática os objectivos do Documento sobre a Fraternidade Humana, assinado pelo Papa com o Grande Imã de Al-Azhar, Ahmed al Tayyeb, em Abu Dhabi, no dia 4 de Fevereiro de 2010

Partindo dos pontos que temos em comum. O convite é para que nos comprometamos a construir uma plataforma humana, que deve ser sustentada pelos nossos valores religiosos, para chegarmos a um compromisso comum que nos conduza a fazer o





O encontro de Abu Dhabi, um ano após a assinatura do Documento sobre a Fraternidade Humana, ilustrou esta frase importante posta em evidência no site do Conselho Pontifício para o diálogo interreligioso: «O diálogo pede que se fale e se escute, dar e receber, crescimento e enriquecimento recíproco. Alicerça-se no testemunho da própria Fé, assim como na abertura à religião do outro. O diálogo não é uma traição da missão da Igreja, nem um novo método de conversão ao Cristianismo».



mos os obstáculos que nos dividem e assim poderemos sentir-nos irmãos e irmãs, na única humanidade que Deus nos deu e que devemos acompanhar, proteger, defender, respeitando o desígnio de Deus para com todos nós.

A Ordem do Santo Sepulcro tem cerca de 30 000 membros em todo o mundo. Que conselho lhes podemos fazer chegar?

bem. E deve ser uma actividade constante, dia após dia, não somente ligada a acontecimentos, mas lembrando-nos que somos responsáveis por uma nova geração que somos chamados a educar para a paz e a coexistência. O processo é lento. Mas devemos semear em silêncio e pôr em prática discretamente.

Somos chamados a sermos respeitadores na diversidade, a discernirmos, a sermos honestos nas amizades e a sermos credíveis no que fazemos, o que assim agir dá o seu testemunho. É como uma lâmpada num candeeiro que tudo ilumina, para usarmos uma imagem evangélica. E isto fá-lo Jerusalém, a Cidade Santa. Desejamos que esta luz possa chegar ao coração de todos os seres humanos, para ultrapassar-

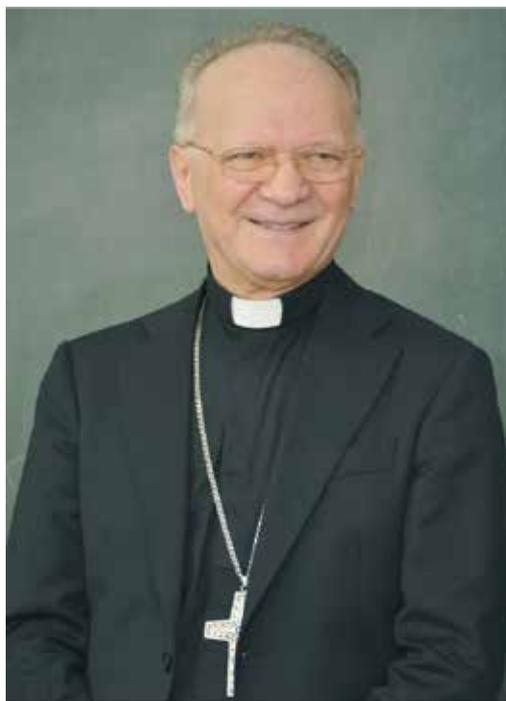
Admiro muito o trabalho realizado e a acção dos vossos 30.000 membros que apoiam e ajudam as comunidades locais na Terra Santa. Ao longo da minha experiência de missão, apercebi-me de que dei toda a minha vida e a minha juventude ao serviço da Igreja e, hoje, percebo que recebi muito mais do que dei. Quero, assim, lembrar a estes 30 000 benfeitores que o que fazem é muito generoso e convido-os a descobrirem sempre para além do testemunho que recebem daqueles que apoiam para os poderem ajudar ainda mais.

Entrevista conduzida por **Elena Dini**

A Ordem parceira da Congregação para a Educação Católica

No quadro do Pacto Educativo Global sugerido pelo Papa

O Papa Francisco convidou todos os que se interessam pelo tema da educação para um encontro no Vaticano a realizar em Outubro de 2020, para aderirem a um Pacto Educativo Mundial. A Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, que desde há anos identificou a educação como um dos pilares do seu compromisso na Terra Santa – através do apoio a realidades como a rede de escolas do Patriarcado Latino de Jerusalém e a Universidade de Belém – será uma das instituições presentes na Aldeia Mundial que se realizará nessa ocasião. Mons. Vincenzo Zani, Secretário da Congregação para a Educação Católica a quem foi confiada a organização desta grande iniciativa, responde às nossas perguntas.



cularmente onde existem desafios no diálogo com os judeus, cristão, muçulmanos, num caldo de culturas, de pertenças, de identidades e de comunidades.

Pode-nos citar um exemplo concreto a propósito da importante contribuição da educação vivida em conjunto nesta região?

No Líbano, há alguns anos, participei com o Patriarca num encontro de escolas católicas. Foi organizado um pequeno encontro festivo no qual estavam presentes drusos, muçulmanos e outros de diferentes confissões cristãs. Percebi que o Patriarca tinha relações pessoais e familiares com todos. No fim da noite felicitei-o pela forma

como cultivava as suas relações, ao que me respondeu: “Fomos todos colegas de escola, crescemos juntos e esta relação nasceu e tem sido mantida desde então”. Numa resposta deste género, percebemos o que significa a educação e a escola. Na educação as diferenças co-existem e cresce-se no respeito pelas diferenças e na ajuda recíproca.

Nas escolas do Sul do Líbano, chega-se mesmo aos 98% de muçulmanos. Falaram-me de um acordo estabelecido com as famílias das crianças muçulmanas, quando estas vêm inscrever os seus filhos na escola, pelo respeito destas famílias pelo projecto educativo cristão. Dizem-me que os muçulmanos estão geralmente muito atentos ao respeito por este projecto educativo porque vêm nele uma muito boa oportunidade de crescimento.

Muitas vezes, há igualmente uma elevada percentagem de alunos não católicos nas nossas escolas, porque pura e simplesmente não existem, sendo só os católicos, o director ou a direcção. Isto dá também frutos abundantes porque, tanto os professores como

As instituições educativas representam uma grande rede mundial. De que ordem de números estamos a falar?

Em todo o mundo existem 220 000 escolas católicas e 186 universidades católicas. 35/40% da média geral dos estudantes das nossas instituições não são católicos. No Médio Oriente podem ser bem mais elevadas, chegando mesmo a 98% de não católicos. Se a educação é, por si, um instrumento de evangelização e de humanização, a educação católica devia-o ser ainda mais. Para nós, com efeito, estas instituições são instrumentos que chegam às fronteiras do além: elas estão na Igreja, mas, ao mesmo tempo são instrumentos de diálogo em 360°.

Este convite do Papa para o lançamento de um pacto na educação mundial, leva-nos a dialogar ainda mais com a nossa presença em todos os territórios, parti-



os alunos não cristãos levam consigo para suas casas a sua experiência no domínio educativo católico.

Como interpreta o compromisso da Ordem na Terra Santa e, em particular, neste domínio da educação?

Vemos a Ordem do Santo Sepulcro, que trabalha de uma forma especial nesta região do mundo, como um apoio. É necessário um diálogo constante entre as nossas instituições e a realidade da Ordem. Muitas vezes, a Igreja da Terra Santa está sob pressão, com dificuldades e, nesta perspectiva, devemos reforçar nossa colaboração. Vejo na Ordem um instrumento excepcional neste sentido. A Ordem é uma instituição com uma longa história que pode hoje relançar a sua missão de uma forma inovadora, respondendo aos desafios actuais.

O Papa Francisco lembrava na sua mensagem, inspirando-se num provérbio africano em que “para educar uma criança era preciso toda a aldeia”. Quais são os passos a dar para se construir esta aldeia mundial que possa fornecer o espaço apropriado para o crescimento dos jovens?

A mensagem do Papa (para o acontecimento em volta do tema “Reconstruir o Pacto Educativo Mundial” que terá lugar em Roma, em Outubro de 2020) dá-nos pistas concretas a percorrer. Parte de um provérbio africano que diz que esta aldeia deve ser construída. O horizonte que o



Papa Francisco traça em todas as mensagens, é uma abertura total e é a síntese de tudo o que disse nestes últimos anos sobre educação, particularmente, sobre uma educação inclusiva, da cultura, do diálogo, do abater muros, de construir pontes, ultrapassar diferenças. São expressões claras do seu pensamento que nos indicam a direcção para a construção do pacto educativo. Uma colaboração entre culturas, pertenças religiosas, étnicas, para se ultrapassarem as dificuldades.

O Papa Francisco ensina-nos a ver que na acção encontramos posições diferentes. Com efeito, a realidade é poliédrica não esférica, tem múltiplas facetas que devem ser respeitadas sem que se seja obrigado à sua uniformização.

O Papa dá ainda três indicações que tomámos em consideração na identificação de temáticas específicas que serão tratadas na aldeia. Em primeiro, o Papa parte do carácter central da pessoa o que, muitas vezes significa mudar a nossa abordagem educativa, desafiando os modelos demasiado formais e levando a considerar linguagens educativas informais como a música e o desporto. Quando se coloca a pessoa no centro, ouvem-se as suas exigências o que pede uma certa flexibilização por parte das instituições. Para dar este passo, temos necessidade de uma sã antropologia. Educar significa levar pela mão as crianças, os

«Na educação, as diferenças coexistem e cresce-se no respeito pelas diferenças e na ajuda recíproca», constata Monsenhor Vincenzo Zani, Secretário da Congregação para a Educação Católica, numa grande entrevista que nos concedeu.



tividade e responsabilidade” através de projectos a curto e a médio prazo. Vivemos numa época histórica onde tudo muda rapidamente, mas não esqueçamos que a educação tem outros ritmos e que precisa de um grande espaço de tempo para dar frutos.

Por fim, o Papa fala da educação para vir a servir. Devemos formar pessoas responsáveis e disponíveis para servir o bem público. “O serviço é um dos pilares da cultura do encontro” diz o Santo Padre na sua men-

agens com a consciência das suas diversas dimensões que não devemos ignorar, entre as quais está, como é evidente, a dimensão transcendental. Se rejeitarmos esta abertura para o absoluto, caímos no relativismo e não sabemos mais em que direcção ir. Em seguida, o Papa sublinha a necessidade de ter “a coragem de investir as melhores energias com cria-

sagem. O que no domínio da educação se pode traduzir por “service learning”, um método educativo que convida os alunos a desenvolverem os seus conhecimentos e competências através de um serviço solidário na comunidade. No que diz respeito ao mundo universitário, não nos devemos esquecer de considerar a terceira missão destas instituições, a seguir ao

«Servir é um pilar da cultura do reencontro» palavras do Santo Padre, na sua mensagem por ocasião do encontro sobre o tema «Reconstruir o Pacto Educativo Mundial» que se desenrolará em Roma, em Outubro de 2020. Trata-se de formar pessoas responsáveis e disponíveis para servir em prol do bem comum.





ensino e à investigação; confrontar-se com a terceira finalidade, a do bem comum.

Aproximamo-nos da data escolhida pelo Papa Francisco para o encontro no Vaticano com diversos interlocutores que desejam trabalhar num pacto educativo comum. A Congregação para a Educação Católica de que sois o Secretário, como será?

Trabalhamos na realização de uma aldeia para a Educação que será localizada na zona da Via della Conciliazione, de 11 a 18 de Outubro de 2020 centrada em quatro pólos principais: os direitos; a ecologia in-

Grão Magistério da Ordem tem em vista convidar jovens da Terra Santa (aqui alunos da Universidade de Belém) para participarem no encontro internacional sobre o pacto educativo comum, organizado pelo Vaticano, que decorrerá no Palácio della Rovere, sede da Ordem do Santo Sepulcro, em Roma

tegral; a paz e a solidariedade. Haverá quatro locais e cada um será assinalado por uma destas temáticas; durante a semana terão lugar diversos acontecimentos e mesas redondas. Serão igualmente criados espaços onde serão projectados testemunhos e boas práticas. Quem visitar a aldeia encontrará uma linha pedagógica, proposições e caminhos. Tratar-se-á de um laboratório rico em estímulos, não pretende dar receitas, mas fornecer elementos a concretizar em diferentes contextos. Enfrentaremos questões vastas e importantes com o cyber assédio ou a inteligência artificial para que os docentes, ministérios, os que redigem as leis posam refletir nas perspectivas que se podem promover para o bem dos jovens.

O Papa terá um encontro mais restrito com os representantes das religiões; haverá lugar a um encontro mais alargado na Sala Paulo VI. Trabalhamos igualmente para a hipótese de um encontro com as autoridades civis do sector da educação.

Entrevista conduzida por **François Vayne**

O Cardeal Fernando Filoni, nono Grão-Mestre da Ordem

O apoio total e fraterno do Cardeal O'Brien ao seu sucessor

Por decisão do Santo Padre Francisco, Sua Eminência, o Cardeal Fernando Filoni foi nomeado Grão-Mestre da Ordem do Santo Sepulcro, em 8 de Dezembro de 2019, solenidade da Imaculada Conceição. Publicamos aqui o comunicado oficial de Sua Eminência, o Cardeal Edwin O'Brien, Grão-Mestre da Ordem desde 2012, cuja função terminou alguns meses depois de ter atingido a idade de 80 anos.

«É sem reserva e com satisfação que recebo a decisão do Papa Francisco em me substituir enquanto Grão-Mestre da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém. Estou particularmente feliz que Sua Santidade tenha nomeado Sua Eminência, o Cardeal Filoni como meu sucessor.

O meu privilégio perdurou para além do momento em que apresentei a minha carta de demissão, há mais de cinco anos. Ao fim de mais de oito anos como Grão-Mestre, a minha fé pessoal e o amor pela nossa Igreja foi-se aprofundando à medida em que constatava o comprometimento dos nossos membros a favor dos objectivos da nossa Ordem, expresso nas diferentes culturas e línguas, todos profundamente católicos.

Estou particularmente reconhecido para com os dois governadores-gerais com quem servi, Suas Excelências, o Professor Agostino Borromeo e o Embaixador Leonardo Visconti de Modrone, os nossos colaboradores no Grão-Magistério e o serviço diário do nosso pessoal do Secretariado, contribuíram largamente para o crescimento continuado da nossa Ordem. O seu envolvimento com as Lugar-Tenências e para com o Patriarcado Latino foi indefectível.



Termino, dando as boas-vindas a Sua Eminência ao Cardeal Filoni enquanto Grão-Mestre. A sua longa e vasta experiência pastoral e administrativa ao serviço da Igreja será um trunfo precioso para conduzir a nossa Ordem no futuro».

Edwin Cardeal O'Brien

Biografia do Cardeal Fernando Filoni

O Cardeal Fernando Filoni nasceu a 15 de Abril de 1946 em Manduria (Tarante, Itália). Cedo a sua família instalou-se em Galatone (Lecce), donde era originária. Fez o ensino secundário no Seminário Menor de Nardò, no Liceu de Molfetta, no Seminário Regional Pouilles Pio XI e depois estudou teologia em Viterbo, no Seminário de Santa Maria della Quereia.

Foi ordenado padre em 3 de Julho de 1970 em Calatone pelo Mons António Rosario Mennonna, Bispo de Nardò. Em Roma frequentou a Universidade Pontifícia de Latrão, onde conclui um mestrado em Direito Canónico. Na Universidade Pública La Sapienza obteve um mestrado em Filosofia; na Pro Deo (hoje Universidade Livre Internacional de Estudos Sociais - LUISS) licenciou-se em Ciências e Técnicas de Opinião Pública, especializando-se em jornalismo. No período em que viveu em Roma foi vigário, ocupando-se particularmente da educação de jovens, ensinando nos Liceus Literários de Vivona e Socrate.

No final dos seus estudos, o Cardeal Vigário de Roma, Ugi Poletti, propôs-lhe o seu ingresso na Academia Pontifícia Eclesiástica. Em 3 de Abril de 1981, ocupou o seu primeiro posto diplomático no Sri Lanka. Passados três anos foi indigitado para o Irão (1983-1985), e, de seguida chamado à Secretaria de Estado para se ocupar das organizações internacionais. Em 1989, foi enviado para o Brasil até 1992, altura em que foi acreditado formalmente nas Filipinas, como Conselheiro Cultural, com residência em Hong Kong, onde a

Santa Sé tinha aberto uma Missão encarregada de acompanhar a situação da Igreja na China.

Em 17 de Janeiro de 2001, foi eleito como Assento Titular de Volturo, com a dignidade de Arcebispo e nomeado Núncio Apostólico na Jordânia e no Iraque. Recebeu a ordenação episcopal das mãos do Papa João Paulo II, na Basílica do Vaticano em 19 de março de 2001.

Foi núncio em Bagdad (2001-2006), nos últimos dois anos do regime de Saddam Hussein, durante

a guerra e nos três anos seguintes até 25 de Fevereiro de 2006, altura em que Bento XVI o nomeou Representante Pontifício nas Filipinas (2006-2007).

Em 9 de Junho de 2007 foi nomeado Substituto para os Assuntos Gerais da Secretaria de Estado. Em 10 de Maio de 2011, o Papa Bento XVI nomeou-o Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, criando-o Cardinal no dia 18 de Fevereiro de 2012, com o título da Diaconia de Nossa Senhora de Coromoto de São João de Deus. Em 26 de Junho de 2018, o Papa Francisco cooptou-o no Colégio Cardinalício.

Em 8 de Dezembro de 2019 foi nomeado Grão-Mestre da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém e

Perfeito Emérito da Congregação para a Evangelização dos Povos.

É autor de vários textos, nomeadamente, "A Igreja no Iraque", com tradução em vários idiomas.

É membro de várias congregações de entre as quais a Congregação para a Causa dos Santos para a qual foi nomeado pelo Papa no primeiro dia de Fevereiro.



Recepção do Grão-Mestre no Palácio della Rovere

Acompanhado pelo Governador-Geral, Leonardo Visconti di Modrone, o Cardeal Fernando Filoni, Grão-Mestre da Ordem, foi oficialmente recebido no Palácio della Rovere, sede do Grão-Magistério em Roma, no dia 16 de Janeiro, durante uma cerimónia na qual participou o seu predecessor, o Cardeal Edwin O'Brian.

Recebido à entrada pelas mais altas autoridades da Ordem, o Grão-Mestre dirigiu-se à Sala do Trono, saudando os membros do Grão-Magistério presentes. Em seguida, o Cardeal

O'Brian deu as boas-vindas assegurando, ao seu sucessor, o apoio leal e entusiástico dos Cavaleiros e Damas Ordem de todo o mundo. “A nossa nobre Ordem



agradece ao Senhor e ao nosso Santo Padre por nos terem dado o privilégio de vos termos como guia. Vós representais uma verdadeira bênção para a nossa Ordem” concluiu.

Antes de fazer o seu primeiro discurso público como Grão-Mestre, o Cardeal Filoni recebeu a investidura na Ordem das mãos do seu antecessor que lhe entregou as insígnias de Cavaleiro de Grande Colar. Depois desta cerimónia pôde conhecer pessoalmente todos os membros do staff, antes de se dirigir à capela para um momento de oração acompanhado pelo Cardeal O'Brian.



O Cardeal Fernando Filoni recebe das mãos do cardeal O'Brian as insígnias de Cavaleiro de Colar durante uma cerimónia que teve lugar em Roma, no Palazzo de la Rovere no dia 16 de Janeiro de 2020.



Recepção oficial do Cardeal Fernando Filoni no Palazzo della Rovere, 16 de Janeiro de 2020



«Recomeçamos do Sepulcro vazio de Cristo»

Primeiro discurso do novo Grão-Mestre



"Se soubesses o dom de Deus" (João 4,10)

Esta expressão é tirada do Evangelho de João. Jesus encontra-se na aldeia de Sicar na Samaria; ao longo da estrada, há um poço, o que Jacob tinha dado a seu filho José. O poço lembra uma sepultura na qual a vida está escondida, a água, que é preciso tirar. Jesus que está cansado, vê uma mulher a tirar água do poço e pede-lhe de beber. Uma cena comum nas regiões em que a água não corre à superfície e em que é preciso ir tirá-la de debaixo de terra.

No diálogo que começa entre Jesus e a mulher samaritana, Jesus diz-lhe que para além da água natural, há uma "outra água" que provém "de uma nascente de vida eterna". (João 4, 14) da mesma forma que Jesus diz que tem um outro alimento "que não conheceis" (João 4,42), fazendo uma referência aos trazidos pelos discípulos que tinham ido buscar alimentos à aldeia; Jesus encontra-se em seguida com os habitantes de Sicar, que o reconhecem como "o Salvador do mundo" (João 4,42). Eis, em resumo, a narrativa do Evangelho de João.

O episódio, acima mencionado, da vida de Jesus, permite-me enquadrar o tipo de serviço a que o Santo Padre me destinou, dar um sentido à minha presença entre vós, o pertencer, a partir de hoje, à grande família da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém. Gostaria de poder dizer que sou como um

pároco desta grande "paróquia" presente em todos os continentes.

Temos todos necessidade de ir procurar às "profundezas" - termo pauliano - este mistério de graça que nos permite" conhecer o amor de Cristo que ultrapassa todo o conhecimento" (Ep. 3,18-19).

Começamos, hoje, um novo capítulo na história da Ordem: uma história rica em acontecimentos e em gestos que a enobrecem.

Renovo o meu reconhecimento a Sua Eminência, o Cardeal O'Brian, pelo cargo que exerceu até este momento, com competência e generosidade à frente da Ordem. Obrigado, Eminência!

Saúdo todos os presentes, o Assessor Mons. Tommaso Caputo, o Grão- Magistério, S. Ex. Mons. Franco Croci, Grão- Prior da Lugar-Tenência para a Itália Central, o Lugar-Tenente Geral de Honra, S. Ex. o Sr. Giuseppe Dalla Torre del Tempio di Sanguinetto e todos os que aqui trabalham.

O novo Grão-Mestre, ladeado pelo Professor Agostino Borromeo, Lugar-Tenente Geral e o Embaixador Leonardo Visconti di Modrone, Governador-Geral da Ordem do Santo Sepulcro.

Gostaria de vos assegurar o meu compromisso para com a Ordem e o meu incentivo para todos vós. Para caminharmos juntos, precisamos de pedir a Cristo o dom da "Sua" água e dos "Seus" alimentos para que





O Cardeal Filoni saúda a Irmã Rafaella Petrini, F.S.E. sua antiga secretária na Congregação para a Evangelização dos Povos, assim como a Madre Shaun Vergauwen, F.S.E. cofundadora das Irmãs Franciscanas da Eucaristia, esta última que lhe fez a surpresa de vir especialmente dos Estados Unidos quando da cerimónia de recepção do Grão-Mestre, em Janeiro de 2020.

o nosso caminho, e o de cada Dama e Cavaleiro, seja fiel à sua “vocação” e ao “ministério” com o qual todos estamos comprometidos.

Na qualidade de Damas e de Cavaleiros, sabemos todos que temos uma missão a cumprir; o “nobre ideal” requerido pela própria natureza da nossa Instituição e que não nos pode faltar. Mas a “nobreza”, a honra a que me refiro, não provém, como o diz São Gregório de Nazianzo, bispo e doutor da Igreja, “*dos títulos dos parentes ou das actividades ligadas à sua vida, mas pelo facto de sermos e de nos chamarmos cristãos*” (*Discursos* 43,19-21).

Na verdade, o compromisso tomado vem na realidade deste túmulo vazio que é a origem de todo o conhecimento profundo, tanto da vida escondida e pública de Cristo como das suas palavras. O túmulo vazio fala-nos do Mestre vivo que o Apóstolo Tomás reconhece e confessa ser o seu “*Senhor e Deus*” (*João* 20,28) que a Igreja é chamada a anunciar e a dar testemunho a todas as nações e em todos os tempos.

Uma Dama e um Cavaleiro do Santo Sepulcro recomencem sempre aí e é aí que vão buscar o compromisso de vida, de espiritualidade, de vida social e de participação nas necessidades da Terra Santa. Será sempre o nosso ponto de partida e de referência. Recomeçamos sempre do Sepulcro vazio de Cristo

As autoridades da Ordem, nomeadamente o Chanceler Alfredo Bastianelli e um dos membros eminentes da Presidência do Grão - Magistério, Saverio Petrillo, acolheram calorosamente o Grão-Mestre, acompanhado pelo Governador-Geral no Palácio della Rovere.

que tantos viram, mas que só Pedro, João, Maria Madalena, Joana, Maria mãe de Tiago e outros “*viram e acreditaram*” (*João* 20,8). Podemos considerá-los como os primeiros Cavaleiros e Damas do Santo Sepulcro. Nós somos os herdeiros destas testemunhas; e é precisamente por isso que somos hoje testemunhas e damos, assim, um sentido à nossa participação na Ordem.

Antes de concluir estas palavras permiti-me que dirija uma afectuosa saudação aos meus mais próximos colaboradores na Congregação para a Evangelização dos Povos e nas obras Missionárias Pontifícias aqui presentes: Sua Ex. Mons. Protásio Rugambwa, Sua Ex. Mons. Giovanni Pietro Dal Toso, o P. Ryszard Szmydki, O.M.I., Mons. Ermes Viale Chefe de Gabinete da Administração e Irmã Rafaella Petrini F.S.E. Agradeço também à Madre Shaun Vergauwen, F.S.E. cofundadora das Irmãs Franciscanas da Eucaristia, que me fez a surpresa de vir especialmente dos Estados Unidos. Queridos amigos, agradeço a todos do fundo do coração. E que Deus vos abençoe.

Obrigada a todos.



«A raiz da nossa missão na Terra Santa»

Primeiro discurso do novo Grão-Mestre

O Cardeal Fernando Filoni quis celebrar uma missa no dia 1 de Fevereiro, na Igreja do Espírito Santo em Sassia, situada em frente do Palácio della Rovere, sede do Grão-Magistério da Ordem do Santo Sepulcro para iniciar, pela oração, a sua missão de Grão-Mestre. Os mais altos dignitários da nossa instituição pontifícia, os Lugar-Tenentes italianos e Cavaleiros e Damas de Roma, assim como numerosos membros e amigos da Ordem juntaram-se à sua volta nesta Igreja, cheia por esta ocasião, para confiar ao Senhor o seu ministério assim como o caminho da Ordem nos próximos anos.

Depois da celebração eucarística, no Palazzo della Rovere, Sua Eminência quis falar a todos os participantes, saudando cada um individualmente.

Publicamos em seguida a homilia “programática” pronunciada pelo Grão-Mestre.

Queridos Irmãos e Irmãs em Cristo,
Desejei desde a minha nomeação à frente da vossa Ordem, encontrar-vos para rezar e pedir a Deus o dom da Sua luz e da Sua graça.

Interrogando-me sobre a nossa missão especial ou o nosso apelo na Igreja, lembrei-me de passagens evangélicas em que é narrada a vocação dos discípulos de Jesus: com efeito com eles, Ele instaurou uma relação

humana profunda e o caminho do seu ensinamento e da sua revelação. No Evangelho segundo São Mateus, é dito que o Senhor «viu dois irmãos, Simão chamado Pedro e o seu irmão André [...] Jesus disse-lhes: «Vinde e segui-me [...]». Ele avançou e viu dois outros irmãos Tiago filho de Zebedeu e o seu irmão João [...], eles seguiram-no (Mt. 4, 18-19,21,23); Jesus viu (também) um homem [...] sentado à sua mesa de cobrador de impostos. Disse-lhe: «Segue-me». O homem levantou-se e seguiu-o» (Mt 9,9). Jesus encontrou cada um deles, ali, onde a vida os tinha levado e os seus olhares cruzaram-se para sempre. Assim, gosto de pensar que o nosso apelo na Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém é também fruto de um encontro e de um apelo para o qual fomos, por assim dizer, escrutinados e escolhidos: da mesma forma que Maria Madalena junto do sepulcro vazio, onde o olhar e a voz inimitável de Jesus ressuscitado a levaram imediatamente a exclamar: «Rabbouni», ou seja Mestre, porque não era o jardineiro, mas o Mestre vivo (cf. João 20, 14-17). Mas quanta inquietação, quanta agi-



Numerosos foram os Cavaleiros e Damas que vieram rezar com o novo Grão-Mestre, no dia 1 de Fevereiro, na Igreja do Espírito Santo em Sassia, defronte da sede do Grão-Magistério.

tação no seu coração e no seu espírito! Podemos dizer o mesmo de Paulo, que, quando se dirigia para Damasco para prender os cristãos, foi escrutinado no seu foro íntimo pelo Senhor: desta experiência, deste encontro com o Ressuscitado, ele, o perseguidor apercebeu a graça e conseguiu a força que mudou a sua vida fazendo dele o maior pregador entre os pagãos.

Caros Cavaleiros e Damas do Santo Sepulcro, pensar que cada um foi olhado e amado pelo Senhor num momento particular da sua vida e que seu olhar marcou o nosso coração, permitindo-nos refletir sobre o sentido da nossa pertença à Ordem.

Nós pertencemos-lhe, não por termos herdado essa pertença por linhagem ou por classe, mas porque fomos chamados por Aquele que marcou a viragem da história do homem: poderíamos dizer que o “túmulo vazio” é o ponto e o lugar onde se cruzam a história do fim “ignominioso” e “injusto” infligido ao que tinha praticado o bem, o homem que se tinha tornado ao mesmo tempo embaraçoso aos olhos dos dirigentes religiosos e do poder de Roma, e a história de Pedro, João, Maria Madalena e outros que constataram que o sepulcro estava vazio e que, sobretudo, reconheceram Jesus Ressuscitado. Esta história continua até nós: ela ainda não está terminada.

Diante deste sepulcro vazio, e pelo encontro com

Jesus vivo, teve lugar a maior transformação da humanidade que abriu perspectivas inimagináveis à coabitação entre os povos, às relações sociais, às dimensões do espírito, ao sentido da existência. A história nunca mais será como antes. Os seres humanos encontravam-se julgados pelo mistério da cruz e da ressurreição: o amor foi reabilitado, o bem e o mal conheciam uma nítida linha de separação a graça e a verdade mostradas por Cristo revelavam a imagem o rosto misericordioso de Deus (cf. *João* 1,17-18).

Foi pela descoberta do túmulo vazio que tinha suscitado o espanto e a consternação, seguido pelo encontro com o Ressuscitado que de novo trazia a paz interior e uma imensa alegria (cf. 20-20) que começou a aventura da fé “cristã”.

É-nos sempre útil ouvir de novo o forte testemunho de Pedro e dos outros que a um incrédulo Tomé dizem: «*Nos vimos o Senhor*» (*João* 29,25); e foi justamente desta incredulidade, na qual se misturavam a humilhação e a fé que nasceu a última bem-aventurança de Jesus que acompanha a vida de cada crente “Felizes aqueles que acreditam sem ter visto” (*João* 20,29).

É com esta mesma fé, humilde e tranquilizadora no Ressuscitado que, de acordo com o Evangelho de hoje, gostaríamos de entrar no barco de que fala este último; não se trata de um barco material, mas do barco da vida que navega na inquietude do coração e do espírito: pouco importa se a travessia, que é a nossa vida, possa ser uma calma e que esta nos pareça sem sentido; pouco importa sermos sacudidos numa tempestade por um vento impetuoso e destruidor; pouco importa se pensarmos por vezes que o barco parece vi-



«Como Damas e Cavaleiros do Santo Sepulcro de Jerusalém, nós partimos de novo do mesmo lugar do qual partiram para o Mundo, Pedro, João, Maria Madalena e os outros; isto significa, que desse sepulcro vazio e do reencontro com Cristo, nossa esperança e alegria da nossa alma, nós sabemos que Ele dá sentido à nossa existência e seremos testemunhas do Senhor vivo», referiu o Cardeal Filoni na primeira Missa, que celebrou publicamente como Grão - Mestre.



Nunca devemos esquecer que a caridade e a solidariedade definem a Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém e estamos honrados por esses atributos, que são nossos para agir a favor da Igreja Patriarcal de Jerusalém" (Cardeal Fernando Filoni)

Antioquia em razão da grande fome dos anos 49-50 (sob o Imperador Cláudio), com um notável zelo “decidiram enviar ajuda (oferecendo) cada um de

rar-se ficar cheio de água e que o medo nos faça gritar: «Estamos perdidos» (Marcos 4,38), se o Ressuscitado estiver connosco.

Ter o Ressuscitado no pequeno barco da nossa vida ou no grande barco da Igreja, saber que Ele prometeu livrar-nos do Mal (cf. João 17-17), isto é para nós a garantia e a certeza que no momento oportuno Cristo estará lá para ameaçar as vagas e gritar ao vento: “Silêncio, cala-te”! (Mc. 4,39).

Na nossa qualidade de Damas e Cavaleiros do Santo Sepulcro de Jerusalém, partimos do mesmo local do qual partiram para o mundo Pedro, João, Maria Madalena e os outros. Ou seja, deste sepulcro vazio e do encontro com Cristo, nossa esperança e nossa alegria íntima, nós sabemos que ele dá um sentido à nossa existência e nós seremos as testemunhas do Senhor vivo.

A todos vós aqui presentes, a toda a família das Damas e dos Cavaleiros do mundo, dirijo-vos a minha muito cordial saudação, a minha estima, a minha oração. A nossa existência na vida da Igreja várias vezes reconhecida pelos soberanos pontífices tem por objectivo assegurar que nesta Terra onde estão presentes tantos lugares sagrados, o Evangelho continue a brilhar e que perdurem as obras de caridade, o apoio às instituições culturais e sociais e a defesa dos direitos daqueles que aí vivem.

Nunca deveremos esquecer que a caridade e a solidariedade definem a Ordem do Santo Sepulcro e sentimo-nos honrados com esses atributos que são os nossos para agirmos em favor da Igreja Patriarcal de Jerusalém (Cardeal Fernando Fiori).

As finalidades, no seu conjunto, levam-nos à raiz neotestamentária da nossa missão na Terra Santa. Sabemos que os primeiros cristãos de

acordo com os seus meios, aos irmãos que viviam na Judeia” assim enviaram ajuda “por intermeio de Barnabé e Saul” (Ac. 11,27-30). Este foi um gesto de grande solidariedade ‘’, assim como os que Paulo tinha solicitado junto das igrejas de da Galácia e de Corinto (1Co 16,1-14) e depois da dos cristãos da Macedónia, estes últimos, apesar da sua extrema pobreza fizeram prova de grande generosidade: puseram todos os seus bens, mais ainda, sou testemunha, escreve o Apóstolo na sua Carta aos Coríntios, espontaneamente, com uma grande insistência, pediram-nos como uma graça poderem unir-se a nós para ajudar os fiéis. (2Co 8,1-6) Que atitude generosa querer tomar parte na ajuda à Palestina!

Em todos estes gestos, queridos irmãos e irmãs em Cristo, encontramos, gosto de o repetir, a raiz das nossas ações e a missão que os Soberanos Pontífices nos quiseram confiar. Nunca devemos esquecer que a caridade e a solidariedade definem a Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém e sentimo-nos honrados por estes atributos que são os nossos para agir em favor da Igreja Patriarcal de Jerusalém e dos nossos numerosos irmãos e irmãs carenciados e que vivem nesta terra. Terra bendita pelo Todo Poderoso, mas que também tem necessidade de paz.

Obrigado pela vossa presença; obrigado pela vossa generosidade. Obrigado pela vossa oração. Que a Virgem Maria, Rainha da Palestina, vos proteja, confiarmos-nos a Ela e que o Senhor dos Altos Céus vos proteja. Ámen.

A primeira Investidura presidida pelo Cardeal Fernando Filoni



Foi em Roma, com a Lugar-Tenência de Itália Central, que o novo Grão-Mestre presidiu à sua primeira cerimónia de investidura, escolhendo esta ocasião para valorizar a vertente pastoral em substituição da espada, com o objectivo de manifestar a vocação espiritual dos Cavaleiros e Damas chamados a seguir Cristo. (Fotos Osservatore Romano).



«Falar de uma "Ordem honorífica" é errado»

*Encontro com o Cardeal Fernando Filoni,
novo Grão-Mestre da Ordem.*

Eminência, com que espírito encara esta nova responsabilidade de Grão-Mestre da Ordem do Santo Sepulcro que o Papa vos confiou?

Durante a minha vida de serviço à Igreja, primeiro como vigário em Roma (nove anos) depois ao serviço da Sede Apostólica (durante 4 anos) aprendi a amar cada uma das realidades a que estava destinado. Entre estas não posso senão sublinhar as missões eclesiais no Próximo Oriente. No Irão (durante a guerra Irão-Iraque), no Iraque e na Jordânia (2001-2006). Principalmente na Jordânia, enquanto território em que os profetas Moisés, João Baptista e, depois, Cristo tinham pregado, fui tocado por estes laços únicos com a história Santa. Nunca tinha imaginado voltar a ocupar-me de tal até ser nomeado à cabeça da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém. Pareceu-me voltar a um amor que nunca tinha esquecido.

No dia da sua nomeação, apareceu escrito nas redes sociais que o lugar de Grão-Mestre da Ordem era honorífico. Que responde a esta afirmação? E mais geralmente, de que forma a pertença à Ordem não é simplesmente uma honra para os seus membros?

Penso que a Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém desenvolve duas dimensões geralmente ignoradas pelos media. A Ordem tem, é certo, uma história secular. Mas deter-se aí, parece



reduzidor e de todas as maneiras incompleto. A Ordem é hoje uma grande família de benévolos (trinta mil), presentes no mundo inteiro e que, graças à sua contribuição voluntária, permitem que na Terra Santa os lugares mais sagrados para a Cristandade não sejam simplesmente museus, mas que tenham uma vida. Esta vida tem dois níveis: o primeiro ligado aos Cristãos que aí vivem: neste sentido os dons dos membros da Ordem servem para ajudar famílias em dificuldade, escolas primárias e secundárias, a Universidade de Belém, instituições médicas e, hoje também, os refugiados. O segundo permite aos peregrinos de todo o mundo encontrar todos os lugares sagrados adaptados à sua peregrinação. Tudo isto em harmonia com o Patriarca Católico de Jerusalém que tem jurisdição em Israel, Palestina e

Jordânia. Concluindo, falar de uma “Ordem Honorífica” é errado.

A sua grande experiência ao serviço da Igreja é uma vantagem para a Ordem, principalmente porque conhece o Médio Oriente, por ter sido Núncio na Jordânia, no Iraque e no Irão. Quais são as lembranças mais vivas que conserva desta parte do mundo e como pensa que, a longo termo, pode a Ordem contribuir para o favorecimento da paz?

A Paz é fruto da colaboração entre as partes. Trabalhar em seu favor e vê-la muitas vezes comprometida é frustrante. Mas a paz alimenta-se do respeito dos direitos de todos: penso em particular naqueles que vivem na Terra Santa (mas pode-se dizer o mesmo a propósito de todo o Médio Oriente). O problema começa onde se deixam crescer os preconceitos de superioridade, a falta de compreensão histórica, a rejeição de uma realidade complexa que a todos pede paciência e diálogo. Se pensarmos na herança de valores que nos ligam não só espiritualmente - judeus, muçulmanos, cristãos - descobrimos efectivamente que o que nos une é, antes do mais, a unicidade de Deus que, como pai, se revelou nesta terra. Um Deus que não tem preferências (respeitando sempre as diferenças) e em nome do qual se não pode combater nem morrer. As guerras violentas e as inimizades que, de forma repetida, ensanguentam a Terra Santa não podem ter justificação nem em Deus nem numa terra que pertence em primeiro lugar ao Deus da Revelação.

A Ordem é pouco conhecida, muitas vezes vítima de preconceitos, enquanto a sua missão em favor da Igreja da Terra Santa é essencial. Que espera, Eminência, da parte dos 30 000 membros d Ordem para que eles deem uma imagem justa da sua vocação de santidade e do importante serviço que prestam à Igreja?

Os preconceitos matam a verdade. Eles alimentam-se também muitas vezes da ignorância. No entanto é a nós, e, principalmente, aos membros da Ordem, que incube trabalhar para os fazer diminuir e, assim o desejamos, fazer desaparecer. Espero que as minhas palavras possam suscitar igualmente o desejo de um melhor conhecimen-



Foi em Roma, com a Lugar-Tenência de Itália Central, que o novo Grão-Mestre presidiu à sua primeira cerimónia de investidura, escolhendo esta ocasião para valorizar a vertente pastoral em substituição da espada, com o objectivo de manifestar a vocação espiritual dos Cavaleiros e Damas chamados a seguir Cristo. (Fotos Osservatore Romano).



to da Ordem do Santo Sepulcro. Gostaria de sublinhar aqui que se não acede à Ordem graças à família a que se pertence ou ao meio social. A Ordem acolhe hoje os que aceitam o ideal de uma vida cristã que tem as suas raízes num sepulcro vazio ao lado do qual se encontra Jesus vivo, ressuscitado. A vida de um cavaleiro e de uma dama é “cristológico”, ou seja, centrado no mistério de Jesus, segundo o ensinamento de São Paulo (1Cor.15,14). Mas se o Cristo não ti-

ver ressuscitado, isso esvazia a nossa mensagem, esvazia também a nossa fé?. Além disso, na sua vida, o ponto mais concreto é, de forma significativa, a participação no sustento dos lugares, das obras e dos seus irmãos indigentes da Terra Santa. Os 30.000 membros presentes no mundo constituem também uma grande família e, se o quisermos, uma grande paróquia.

A Ordem é uma instituição pontifícia, ligada de forma intrínseca à Santa Sé. Quais são, na sua opinião, os acontecimentos da vida eclesial nos quais os cavaleiros e as Damas deveriam estar mais atentos de forma a caminhar cada vez mais em comunhão como igreja?

Não vou voltar às antigas origens. A Ordem beneficiou sempre da proteção da Santa Sé, ao ponto de que, quando foi restabelecida, Pio X (1907) quis reservar para si o título de Grão-Mestre da Ordem. Pio XII (1940) atribuiu o título a um cardeal e que é hoje o caso. Existe assim um laço estreito entre a Santa Sé e a Ordem. É por esta razão que, entre as suas finalidades para além do zelo pela vida cristã dos seus membros e do apoio às obras da Terra Santa, encontra-se também o da propagação da fé pelo testemunho pessoal de vida e a defesa dos direitos da Igreja Católica nesta região, no respeito dos deveres de cada entidade favorecendo a coexistência pacífica de todos. Razão pela qual a Ordem é sensível aos ensinamentos do Soberano Pontífice desenvolvendo a harmonia e a assistência nesta Região.

Comentários recolhidos por **François Vayne**



Os membros da Ordem, que regularmente peregrinam nos locais onde Cristo morreu e ressuscitou, tem por missão difundir a Fé pelo seu testemunho de vida e a defesa dos direitos da Igreja Católica na Terra Santa.



Dois novos membros do Grão-Magistério

Dois novos membros juntam-se ao Grão-Magistério, ou seja, ao Conselho Internacional do Grão-Magistério que se reúne duas vezes por ano em Roma à volta de dossiers com assuntos da Ordem. Leopoldo Torlonia dei Duchi di Poli e Guadagnolo, italiano, é o presidente do “Circolo San Pietro” associação de solidariedade para com os mais pobres fundada em Roma em 1869. Dominique Neckebroek (à direita, na fotografia) antigo Chanceler da Lu-



gar-Tenência francesa, está muito envolvido nos projectos da Ordem na Terra Santa. Desejamos-lhes uma fecunda actividade ao lado.

Enric Mas nomeado Vice-Governador Geral para a América Central e do Sul

O Grão-Mestre nomeou Enric Mas, Vice-Governador Geral para a América Central e do Sul, uma nova função que foi criada. Enric Mas considera que a palavra-chave deste papel é “serviço”: “Onde não houver Lugar-Tenências, é encorajá-las e onde as houver é estar ao seu serviço dando o apoio necessário. O facto de ter tido o papel de Lugar-Tenente – prosseguiu Enric Mas – ajuda-me a compreender as suas necessidades e as suas expectativas, pois os problemas que os Lugar-Tenentes têm de enfrentar



são os mesmos que eu próprio tive de gerir”. O Vice-Governador Geral para a América Latina começou o seu mandato no fim de Junho de 2019 e entrevê inúmeras possibilidades para o futuro. A América latina é mais do que um continente e oferece inúmeras possibilidades de crescimento em todos os sectores. É uma região onde a Ordem do Santo Sepulcro pode certamente continuar a desenvolver-se.

O novo Vice-Governador para a América Central e do Sul, Enric Mas

Um ano proveitoso

A Consulta quinquenal estimulou a actividade da Ordem

A Ordem do Santo Sepulcro terminou o ano de 2019 com um resultado particularmente encorajador, uma vez que o total dos donativos é superior ao do precedente ano, o que permite apoiar eficazmente a presença cristã na Terra Santa, especialmente, através das obras e dos projectos do Patriarcado Latino de Jerusalém.

A colaboração com o Patriarcado é sempre muito estreita e confiante à volta de projectos mais próximos das pessoas, principalmente, depois da nomeação de Sami El-Youssef, como Director da Administração, por Mons. Pierbattista Pizzaballa, Administrador Apostólico há três anos. No Grão-Magistério, as novas regras administrativas estritas permitiram fazer economias consequentes. Por outro lado, novos membros do Grão-Magistério e novos Lugares-Tenentes deram uma contribuição especialmente construtiva para a actividade da Ordem. A acção de coordenação dos Vice-Governadores foi muito eficaz e, graças à nomeação de um quarto Vice-Governador expressamente dedicado à América Latina, a Ordem desenvolver-se-á neste grande continente tão importante para o futuro da Igreja.

Além disso, problemas de coordenação local com algumas Lugar-Tenências foram resolvidos e a situação do antigo Hotel Columbus foi finalmente clarificada. Precisamente neste dossier, uma comissão internacional do Grão-Magistério trabalha para escolher uma nova gestão do estabelecimento com vista a uma ajuda suplementar para a Terra Santa. Entretanto, são regularmente organizados eventos no Palazzo della Rovere, como as jornadas do património italiano com a FAI, conferências de alto nível ou ainda jantares de beneficência, como o organizado depois do concerto de Natal no Vaticano. Importantes restauros foram feitos nos frescos das salas principais.

Os novos estatutos estão prestes a serem aprovados pelo Papa, e um novo Grão-Mestre, que conhece muito bem o Médio Oriente está agora à frente da nossa instituição pontifícia.

Gostaria de dirigir as minhas saudações respei-



Acompanhado de Donata Krethlow Benziger, Lugar-Tenente da Suíça, o Governador-Geral Leonardo Visconti di Modrone, foi convidado para falar sobre a Ordem no canal católico TV2000. Cada vez mais os media interessam-se pela actividade da Ordem, que beneficia em ser conhecida.

tosas e agradecidas ao nosso novo Grão-Mestre, Sua Eminência, o Cardeal Fernando Filoni, que desde a sua chegada no passado mês, me tem apoiado e encorajado no meu trabalho quotidiano. O meu simples trabalho tornou-se um grande trabalho pela atenção e benevolência com quem o segue. E gostaria de acrescentar que, desde o nosso primeiro encontro, me impressionou e tornou-se o meu guia e a minha orientação: o paralelo entre a nossa acção na Terra Santa e o das Obras Pontifícias Missionárias, onde a nossa missão face a povos de diferentes confissões e situações complexas de sofrimento, não deve ser “ad gentes”, mas sim “inter gentes”, porque em todos os locais em que operamos devemos estar presentes com os nossos valores, com os valores do nosso Evangelho. Este princípio é muito importante para deter-



O Governador-Geral frente à Basílica do Santo Sepulcro, por ocasião de uma peregrinação à Terra Santa com o staff do Grão-Magistério, em Fevereiro de 2019.

pacífica, este respeito que são as premissas necessárias

para um futuro de paz nestas terras de tormenta. E para alcançar este fim, não podemos realizar uma acção episódica, desconectada; temos de operar segundo uma estratégia precisa, uma análise das prioridades, uma minuciosa planificação dos tempos e dos lugares.

É claro, no espírito dos responsáveis da Ordem, que a Consulta de 2018 favoreceu a maioria dos sucessos constatados em 2019, tendo permitido uma maior sinergia entre o Grão-Magistério, as Lugar-Tenências, os membros e os amigos da Ordem

minarmos toda a nossa estratégia de acção caritativa que se concentra hoje, na Terra Santa, na formação dos jovens, na acção pastoral e na actividade humanitária em benefício destas populações, para lá da sua fé religiosa, para manter viva a presença cristã nos lugares onde o nosso Senhor nasceu, viveu, morreu e ressuscitou, mas também para favorecer este diálogo esta coexistência

através de uma comunicação interna externa mais intensa.

Felicito todos os actores deste progresso, encorajando cada um a manter o esforço, no espírito fraterno que caracteriza a nossa família espiritual.

Leonardo Visconti di Modrone

Governador-Geral da Ordem do Santo Sepulcro

A Ordem do Santo Sepulcro desenvolve-se na América Central e do Sul

A caminho de uma primeira reunião de todas as Lugar-Tenências latino-americanas

A América Central e a América do Sul formam um continente imenso de profundas raízes, que merece que tudo seja feito para um maior desenvolvimento e uma autêntica valorização da nossa Ordem. Contrariamente a outras zonas geográficas como a América do Norte, Europa e a Ásia-Oceânia, o continente sul americano não tinha, até à data, dentro do Grão-Magistério, a coordenação de

um responsável. Na óptica de valorizar o enorme potencial deste imenso território, a função de Vice-Governador para a América do Sul foi criada e entregue a Enric Mas, antes Lugar-Tenente de Espanha Oriental. O novo Vice-Governador pôde imediatamente pôr ao serviço da Ordem a sua grande experiência e os seus conhecimentos internacionais junto dos irmãos do Continente latino-americano, concertando com o Governador



O Governador-Geral no México, no verão de 2019, ladeado pelo Lugar-Tenente do México de então e do seu sucessor actual.

dor-Geral, Leonardo Visconti di Modrone um plano de acção, durante as suas visitas ao México, Argentina e Brasil no decorrer do ano de 2019.

■ MÉXICO

No México, a Lugar-Tenência estava a sofrer, há já algum tempo, uma crise que parecia irreversível. Em Setembro de 2017, com a visita do Cardeal Grão-Mestre, do Lugar-Tenente Geral e do Governador-Geral, sem esquecer a nomeação de Gustavo Rincón Hernandez para as funções de Regente, as bases do processo de reactivação foram implementadas.

A 29 de Julho de 2019, o Governador-Geral, a convite do Lugar-Tenente regente, visitou a Cidade de México para fazer o ponto da situação com o Grão-Prior, o Cardeal Norberto Rivera Carrera, do trabalho realizado e das acções a realizar. Mais particularmente, tendo em conta a avançada idade de Gustavo Rincón, era conveniente delinear as modalidades da sua sucessão por um novo lugar-tenente experiente, mas mais novo, que pudesse responder ao desafio do trabalho de reconstrução iniciado e assegurar a sua continuidade. A escolha recaiu sobre o confrade Guillermo Macias Graue, um professor poliglota com uma vasta experiência internacional adquirida em prestigiosas universidades como a Gregoriana de Roma, a de Salamanca e Jerusalém. Em Novembro, por ocasião da Investidura, assumiu a direcção da Lugar-Tenência, enquanto Gustavo Rincon, em agradecimento pelo notável

trabalho realizado, foi nomeado Lugar-Tenente Honorário. No início do encontro com o Governador-Geral, o Cardeal Rivera definiu o processo como uma autêntica “Ressurreição” da Lugar-Tenência.

■ ARGENTINA

A 20 e 21 de Agosto de 2019, o Governador-Geral e o Vice-Governador Enric Mas realizaram uma visita à Argentina. Participaram na cerimónia de investidura em Buenos Aires, celebrada pelo Grão-Prior Mons. Hector Aguer, e tiveram um encontro com o Lugar-Tenente Francisco Ramos Mejia e os dirigentes da Lugar-Tenência desta cidade. Esta segunda viagem era uma resposta a diferentes objectivos, entre os quais, o de fazer com que os dirigentes da Ordem agissem em perfeita harmonia com as orientações do Grão-Magistério, em Roma, e com o episcopado local seguindo as directivas do Santo Padre. As dificuldades de comunicação não facilitaram a vida da Ordem nestes últimos tempos, na Argentina, mas durante um encontro com os responsáveis da Igreja local, foram lançadas bases que deixam vaticinar um diálogo construtivo. Enquanto o país atravessa um período difícil, pareceu necessário apoiar uma participação mais intensa dos membros da Ordem nas actividades das suas respectivas dioceses.



O Governador-Geral numa reunião em Buenos Aires, na qual participaram Monsenhor Héctor Aguer, o Grão-Prior da Lugar-Tenência Argentina (à direita do Governador-Geral), acompanhado por dois eclesiásticos e pelo Lugar-Tenente Juan Francisco Ramos Mejía (de pé junto ao Grão-Prior) e o Vice-Governador, Enric Mas (sentado à direita).



A Investidura de novos membros da Ordem na Argentina, país de origem do Papa Francisco, foi um dos grandes momentos da visita do Governador-Geral na América latina, durante o verão. Os Cavaleiros e Damas argentinos empenham-se de sobremaneira no dia a dia na Igreja local.

■ BRASIL

No Brasil, dos dias 22 a 24 de Agosto, o Governador e o Vice-Governador-Geral encontraram-se com o Arcebispo do Rio de Janeiro, o Cardeal Orani João Tempesta, Grão-Prior da Lugar-Tenência da Ordem, e examinaram, em detalhe, os problemas daquele que é, sem dúvida, o país do mundo com o maior número de católicos, e que merece por isso uma atenção muito particular. O Governador-Geral e o Vice-Gover-

nador encontraram-se com a Lugar-Tenente do Rio de Janeiro, Isis Penido, e com o Lugar-Tenente de São Paulo, Manuel Tavares de Almeida Filho, para discutirem a possibilidade de abrir novas estruturas periféricas no país para concretizar, cada vez mais por uma presença ramificada e alargada, os objectivos da Ordem do Santo Sepulcro. Foi também tomada a decisão de organizar, em São Paulo, uma reunião de todas as Lugares-Tenências da América Latina sob a presidência do novo Grão-Mestre.



No Brasil, o Cardeal Orani João Tempesta, Grão-Prior da Lugar-Tenência do Rio de Janeiro, acolheu o Governador-Geral, tendo ambos debatido o testemunho dado pelos membros da Ordem, no maior país católico do Mundo com base no número de baptizados.

■ UMA ESTRATÉGIA UNITÁRIA

O programa do Governador-Geral e do Vice-Governador Geral para a América Latina prevê, a partir de agora, um reforço da presença da Ordem no Brasil, visitas a outros países da zona na perspectiva de um alargamento concreto da Ordem. O continente latino-americano deve, com efeito, posicionar-se numa situação de igualdade absoluta, em termos e importância, com outras três zonas geográficas em que a Ordem está activa.

Por motivos de afinidade cultural e linguística, decretou-se que a Lugar-Tenência do México – precedentemente inserida na área Norte Americana – faça parte da nova formação latino-a-

mericana continuando, no entanto, a ser convidada para as reuniões da Lugar-Tenência da América do Norte, com o objectivo de favorecer a transição, assim como uma útil troca de experiências. Um dos aspectos mais interessantes que ressaltam das diferentes reuniões geográficas sectoriais, e sempre sublinhado pelo Governador-Geral durante as suas intervenções, é justamente o da necessidade de trocas de experiências entre as Lugar-Tenências de diferentes zonas e, por analogia, entre os quatro Vice-Governadores.

A Ordem é única, e, assim, é certo que a estratégia seja unitária, declarou o Governador Geral Visconti di Modrone durante uma das suas recentes intervenções, mas para a realizar, devemos dar muita atenção aos costumes e às tradições locais e, muito particularmente, às diferentes experiências. O sentimento de que trabalhamos para manter a presença cristã na Terra Santa deve-nos unir,

mesmo nas dificuldades que a Igreja hoje atravessa, guardando ao mesmo tempo, como um tesouro, as ideias e as propostas que nos chegam de todo o mundo. A reunião das Lugar-Tenências Norte-Americanas, em Maio de 2019, em Houston, sublinhou uma forte caracterização da importância da componente pastoral e de participação das famílias nas actividades espirituais; pouco tempo depois, a reunião dos Lugares-Tenentes europeus, em Roma, permitiu sublinhar fortemente o compromisso caritativo que têm em conta a realização de projectos de formação de jovens na Terra Santa; a reunião dos confrades asiáticos em Brisbane, transmitiu o sentimento de que a distância não constitui, em nada, um entrave à participação colectiva nas actividades de beneficência da Ordem.

A acção desenhada pelo Grão-Magistério para a América Latina enquadra-se neste contexto unificador.

Monsenhor Tomaso Caputo, novo Assessor da Ordem

Após a demissão de Monsenhor Giuseppe Lazzarotto por motivo de saúde, o Santo Padre deu a sua aprovação à nomeação pelo Grão-Mestre de Monsenhor Tommaso Caputo como novo Assessor da Ordem do Santo Sepulcro. Entrou em funções no mês de Setembro de 2019

Mons. Tommaso Caputo nasceu em Afragola (Nápoles) a 17 de Outubro de 1950. Frequentou o Seminário Arquiepiscopal de Nápoles e obteve a sua licenciatura em Teologia na Faculdade de Teologia de Itália Sul, Secção “São Tomás de Aquino” (Nápoles). Foi ordenado padre a 10 de Abril de 1974 pela Arquidiocese de Nápoles onde exerceu as funções de formador de seminaristas do liceu (1073/74), de Vigário da Paróquia de San Benedetto all 'Arco Mirelli, em Nápoles (1975/76) e de professor de religião nas escolas públicas (1973/76). Aluno da Pontifícia Academia Eclesiástica a partir de 1976, frequentou ao mesmo tempo cursos de Direito Canónico na Universidade Pontifícia de Latrão obtendo o

seu doutoramento. Ao serviço da Santa Sé, desde 25 de Março de 1980, foi Secretário da Nunciatura Apostólica no Ruanda (1980/84) e Conselheiro da Nunciatura nas Filipinas (1984/87) e na Venezuela (1987/89). Chamado ao Vaticano exerceu a função de responsável pelo Secretariado do Substituto da Secretaria de Estado até 19 de Junho de 1993, quando o Papa João Paulo II o nomeou Chefe do Protocolo da Secretaria de Estado. A 3 de Setembro de 2007, Sua Santidade Bento XVI, nomeou-o Núncio Apostólico em Malta e na Líbia elevando-o a dignidade episcopal conferindo-lhe a consagração episcopal a 29 de 2007, na Basílica Papal de São Pedro, no Vaticano. A 10 de Novembro de 2012, o Papa Bento XVI nomeou-o

Prelado de Pompeia e Delegado Pontifical do Santuário da Bem-Aventura da Virgem do Santo Rosário de Pompeia.



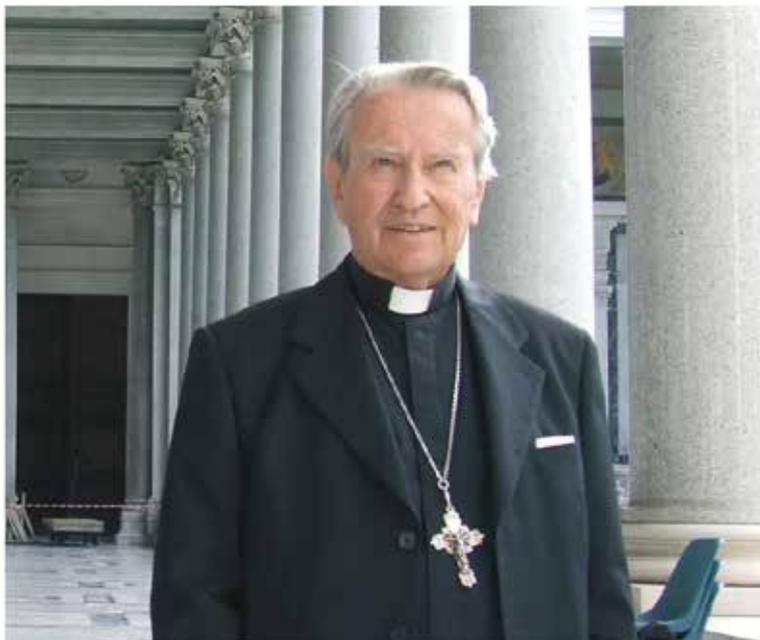
Mons. Tomaso Caputo, Assessor da Ordem, no Santuário Mariano de Pompeia, na companhia de Mons. Pierbattista Pizzaballa, Administrador Apostólico do Patriarcado Latino de Jerusalém, no início do ano de 2020.

Em memória do Cardeal Montezemolo, Assessor de Honra da Ordem

Dois anos depois do desaparecimento do Cardeal Andrea Cordeiro Lanza de Montezemolo, o Grão-Magistério da Ordem do Santo Sepulcro onde, a partir de 2001, exerceu as funções de Assessor, lembrou a sua figura ao acolher dois encontros na Sede do Palazzo della Rovere, a 18 e 19 de Novembro de 2019.

A 18 de Novembro, a conferência intitulada “Andrea Montezemolo: arquitecto e arauto da diplomacia pontifícia” teve como principais relatores S. Ex. Mons. Paul Gallagher, Secretário da Santa Sé para as Relações com os Estados e como orador principal e com a apresentação, Mons. Tomaso Caputo, Prelado de Pompeia e Delegado Pontifício para o Santuário da Bem-Aventurada Virgem Maria do Santo Rosário de Pompeia e actual Assessor da Ordem. Publicamos junto, um extenso extrato do seu comentário inicial.

«A existência do Cardeal Andrea de Montezemolo, cuja lembrança queremos hoje celebrar, espanta pela sua extraordinária intensidade. No dia 20 de Novembro, no dia seguinte ao da sua passagem para a vida eterna, o Papa Francisco lembrou a” generosa obra nas representações pontifícias em diferentes países, principalmente em Papua, Nova Guiné, em Nicarágua, nas Honduras, no Uruguai, em Israel, em Itália onde sempre se consagrou, com sabedoria, ao bem das populações”. Pode-se dizer com verdade que foi um homem ao serviço de Deus, da Igreja, do Homem de hoje. Foi sempre um homem de Deus e assim como desenhava os seus projectos com lápis e regras de calcular, também o era quando procurava o diálogo com os governantes, com a dedicação e a paciência de um construtor de pontes. É dele mérito de ter estado entre os artesãos do acordo histórico assinado em Jerusalém no dia 30 de Dezembro de 1993 que normalizou as relações entre a Santa Sé e país onde foi o primeiro Nuncio Apostólico, cargo que exerceu de 1994



Assessor de Honra da Ordem, o Cardeal Montezemolo destacou-se na História da Igreja, nomeadamente, por ter sido o artífice do acordo fundamental entre a Santa Sé e Israel, assinado em 1993.

a 1998. Este documento teve uma importância extraordinária reconhecendo “a natureza única das relações entre a Igreja Católica e o povo judeu” e o “processo histórico de reconciliação e de progresso na compreensão recíproca e na amizade entre judeus e católicos».

Mons. Caputo prosseguiu evocando as suas lembranças pessoais do Cardeal Montezemolo. «Era de uma enorme amabilidade e humanidade no seu comportamento e que fizeram dele não só um diplomata hábil capaz de uma imediata sintonia com o seu interlocutor, mas também um homem simples e sempre disponível para todos». Não podíamos deixar de mencionar o profundo amor e a particular ligação que o Cardeal tinha à Terra de Jesus. Mons. Caputo lembrou que os dois lugares especialmente queridos do Cardeal na cidade de Jerusalém eram o Monte das Oliveiras e a Basílica do Santo Sepulcro onde, sempre que lhe era possível, celebrava a Eucaristia.

Numa entrevista publicada no livro “Colloqui su Gerusalemne” (Colóquios sobre Jerusalém) (Edizioni Terra Santa 2008), o Cardeal Montezemolo dizia que, para ele Jerusalém “é um tal conjunto de memórias que cada rua, cada ruela, cada canto, cada pedra, cada edifício nos conta a vida de Jesus e os seus ensinamentos. O que é narrado nos evangelhos e nos Actos dos Apóstolos lembra-nos que a Igreja nasceu ali e que foi dali que se espalhou pelo mundo”.

Mons. Richard Gallagher, Secretário da Santa Sé para as Relações com os outros Estados, tomou em seguida a palavra contando as suas lembranças e percorrendo momentos importantes da vida do Cardeal de Montezemolo que conheceu quando era Núncio no Uruguai.” Dom Andrea era uma pessoa de uma extraordinária constância. Conduzia a sua vida com uma grande continuidade em que cada parte da vida levava à outra, quase sem pausa”. Mesmo a sua importante carreira e as suas escolhas vocacionais pareciam o resultado de um discernimento isento de dramas ou de crises” comentou Mon. Gallagher. Lembrando não somente a sua profissão de arquitecto, mas também os seus estudos de filosofia e de teologia, o Arcebispo inglês não pode deixar de lembrar que “quando se consagrava a determinadas questões, implicava-se com uma extraordinária determinação e procurava apli-

cações práticas no saber adquirido”.

Nas suas actividades mostrou-se sempre muito rigoroso e o Secretário para as Relações com os Estados define o seu estilo como “intelectualmente exigente”. O seu método, explicou, consistia em recolher todos os elementos que constituíam os pontos essenciais do problema, mas que continham já as sementes da solução”.

A longa carreira diplomática do Cardeal Montezemolo conduziu-o para diferentes regiões do mundo. particularmente para a Terra Santa.

Numa conferência no Palácio della Rovere, sede do Grão-Magistério da Ordem em Roma, Monsenhor Paul Richard Gallagher, Secretário para as Relações com os Estados, falou das suas memórias, mencionando os momentos mais importantes da vida do Cardeal Montezemolo que conheceu quando este era núncio no Uruguai.

“Mons. Andrea chegou a Tel Aviv como Delegado Apostólico em Jerusalém e na Palestina e deixou o país, alguns anos mais tarde, como Núncio Apostólico em Israel. Quem teria a paciência de alcançar um tal objectivo? Qual outro teria reunido os elementos que constituem o acordo fundamental entre o Estado de Israel e a Santa Sé? Lembrou Mons. Gallagher como conclusão da sua intervenção.

E.D.



A nova Comissão para a Terra Santa

Em Janeiro de 2019, assumiram funções os novos membros da Comissão da Terra Santa do Grão-Magistério. O professor universitário escocês Bartholomew McGettrick substituiu o americano Thomas McKiernan, à frente dessa comissão, também constituída pelo Lugar-Tenente Emérito da Alemanha, Detlef Brümmer e por Cynthia Monahan, ambos pertencentes à Lugar-Tenência do Nordeste dos EUA, da qual o Cardeal Sean O'Malley é Grande Prior.

Gostaríamos de agradecer a Thomas McKiernan, em nome do Grão-Magistério, pelo trabalho de liderança realizado com competência e paixão, bem como pelo papel que irá desempenhar como consultor da nova equipa.

Na Primavera e no Outono, a Comissão visitou a Terra Santa para acompanhar os programas em andamento e reunir com os líderes do Patriarcado Latino, e com os representantes da vida pastoral, escolar e da saúde. Em Março, os membros da Comissão visitaram o Patriarcado Latino, onde foram recebidos por Sami El-Yousef, CEO do Patriarcado Latino, e reuniram com representantes das equipas de Desenvolvimento de Projectos, com as equipas Financeira e Técnica, e com o gabinete de Catecismo antes de partirem para inspecionar os projectos financiados pela Ordem, quer os projectos em curso quer os já concluídos.

Durante a reunião no Patriarcado, discutiram-se os projectos propostos para os próximos anos, que se concentrarão nas necessidades dos jovens, dos escuteiros, do trabalho pastoral, de projectos educacionais, tendo ainda em conta necessidades humanitárias e infraestruturais. Além disso, a Comissão da Terra Santa visitou ainda Jaffa de Nazaré e o Centro de Santa Raquel, em Jerusalém, antes de visitar quatro famílias que recebem apoio da Ordem. Após uma breve visita ao Hospital de São Luís, tiveram uma audiência com o Arcebispo Pier-



Os membros da Comissão da Terra Santa numa escola do Patriarcado Latino de Jerusalém, apoiada pela Ordem do Santo Sepulcro.

battista Pizzaballa.

A Comissão ainda teve tempo para entrevistas com os alunos da Universidade de Belém, do Seminário do Patriarcado Latino em Beit Jala e com jovens em

Beit Sahour. A Comissão visitou ainda o Lar de Idosos em Ramallah e reuniu com o Padre Iyad Twal, à época Director das Escolas do Patriarcado Latino na Palestina e em Israel, reunindo também com outros diretores de escolas. Os membros da Comissão terminaram a visita celebrando a missa dominical com paroquianos da paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em Beit Sahour. Finalmente, a Comissão foi recebida pelo Nuncio Apostólico, Monsenhor Leopoldo Girelli.

Durante sua última visita in loco em Setembro, a Comissão da Terra Santa do Grão-Magistério concentrou-se em recolher informações em primeira mão sobre os projectos em curso e em conhecer as pessoas envolvidas nas várias actividades que a Ordem apoia na Jordânia. «As paróquias que visitámos são vibrantes e activas. O envolvimento dos jovens foi um aspecto particularmente agradável das nossas visitas», concluiu Bart McGettrick, Presidente da Comissão.

Apoio de 360° na Terra Santa

A generosidade discreta e permanente dos Cavaleiros e Damas



Os projectos do Patriarcado Latino que a Ordem financiará em 2020

Tal como acontece todos os anos, também em 2020 a Ordem do Santo Sepulcro está empenhada em apoiar, a vários níveis, a vida quotidiana e iniciativas especiais do Patriarcado Latino de Jerusalém. O nosso principal compromisso consiste em contribuir para as despesas institucionais do Patriarcado, na ajuda à sua vasta rede de escolas e ao seminário: as actividades básicas da Diocese de Jerusalém são garantidas por cerca de € 600 000 enviados todos os meses. Para além desse apoio, a Ordem distribui ainda ajuda no terreno, encarregando-se de uma série de projectos.

Em 2020, espera-se ver concluído um grande projecto que envolveu a Ordem bem como o Patriarcado Latino nos últimos quatro anos, movimentando mais de um milhão e meio de euros em fundos: a construção

Um dos projectos planeados para os próximos meses diz respeito ao jardim de infância em Hashimi, Jordânia.

de uma nova igreja em Jubbeiha, uma cidade na vizinha Amã, com uma comunidade cristã em crescimento. Outra parte importante dos fundos, cerca de 1,2 milhões de euros foi destinada aos vencimen-

tos dos professores das escolas do Patriarcado Latino na Palestina (para o fundo de pensões) e na Jordânia (para aumento de salários). De facto, o Estado Jordano aumentou significativamente o salário dos professores das escolas públicas e o Patriarcado sentiu, com razão, a necessidade de oferecer remuneração semelhante, na medida do possível. Perante as importantes necessidades verificadas nas áreas da ajuda humanitária e assistência pastoral, áreas particularmente caras para o Administrador Apostólico do Patriarcado, o Arcebispo Pierbattista Pizzaballa, a Ordem também destinou quase um milhão de euros para esses fins. Muitos projectos de pequena e média escala também foram agendados para os próximos

meses. Quatro projectos de média escala (num total de cerca de € 500 000) envolvem grandes reformas: na Casa das Irmãs do Rosário, em Marqa, na Jordânia, e em Beit Jala, na Palestina; no centro de juventude e na igreja de Rafidia (Nablus, Palestina); no jardim de infância Hashimi, na Jordânia, para a construção de um novo andar, destinado ao convento das irmãs. Por fim, como em anos anteriores, o Grão-Magistério também informou as Lugar-Tenências sobre a possibilidade de financiar alguns projectos de menor dimensão. Este ano, os projectos propostos são trinta e dois, representando um montante total de cerca de € 900 000. Entre eles, incluem-se actividades pastorais específicas, a compra de equipamentos técnicos e de técnicas de informática para escolas e serviços do Patriarcado Latino, obras de renovação, pequenas mas fundamentais, em algumas escolas, igrejas ou casas religiosas, e ainda investimentos na construção de capacitação, em programas de liderança ou capacitação para diferentes grupos.

Projectos de 2020 em colaboração com a Reunião de Agências de Ajuda para as Igrejas orientais (ROACO)

A Ordem colabora há anos com a ROACO - Comissão dirigida pela Congregação para as Igrejas Orientais, que reúne várias agências de apoio - expandindo a sua acção para outras realidades na Terra Santa. Em 2020, essa colaboração ficará concentrada em quatro projectos, totalizando aproximadamente € 220 000. Algumas estruturas cristãs precisam de grandes reformas para poderem continuar a funcionar e para evitar que constituam um risco para os habitantes locais. Por exemplo, um desses projectos é fazer obras de renovação no terraço, nas casas de banho e no corredor da casa das Irmãs Missionárias Franciscanas do Imaculado Coração de Maria, no campo de refugiados de Aida, próximo de Belém. As



Outro projecto apoiado pela Ordem tem como objectivo desenvolver o serviço de Neurologia do Caritas Baby Hospital, em Belém. Fundada em 1953, esta instituição de saúde da Igreja Católica trata anualmente mais de 50.000 crianças.

irmãs marcam presença na Terra Santa desde 1885 e, em 1961, construíram esta casa no campo de refugiados, onde vivem cerca de 10 000 pessoas. O complexo do convento também abriga um jardim de infância frequentado por trinta e cinco crianças. Outras obras de renovação dizem respeito a

duas igrejas greco-católicas melquitas, a igreja do Salvador (em Kfar Yasir) e a de Nossa Senhora (em Kfar Cana), ambas em Israel.

Por último, outro projecto visa criar o departamento de Neurologia do Caritas Baby Hospital, em Belém. Fundado em 1953, este hospital é uma instituição católica que presta assistência a mais de 50 000 crianças por ano. Infelizmente, os frequentes casamentos consanguíneos e consequentes nascimentos prematuros e acidentes perinatais levaram a um aumento do número de doenças neurológicas e de distúrbios congénitos. «O número de casos neurológicos tratados cresceu 146% nos últimos quatro anos», confirma, infelizmente, o hospital. Graças a este projecto, será possível, entre outras coisas, instalar um sistema de monitorização electroencefalográfica de longo prazo (LTM EEG), o que permitirá aos especialistas efectuar diagnósticos mais precisos.



A criação de emprego para jovens recém-licenciados em Gaza gerou uma nova esperança na comunidade local, tão fustigada pelas adversidades.

Retrospectiva de 2019: o programa de criação de emprego em gaza

Ainda que os membros da Ordem se tenham comprometido em prestar um grande apoio nos próximos meses, muito se fez já ao longo de 2019. Neste momento, pretendemos referir apenas um dos muitos projectos que contribuíram para dar uma nova esperança à comunidade local: a criação de emprego para jovens licenciados em Gaza. Gaza é uma faixa de terra com quase 2 milhões de habitantes, incluindo 1 200 cristãos. Actualmente, há pouco mais de 100 católicos. A pequena presença cristã sofre os mesmos problemas que afectam toda a população, incluindo o desemprego. A taxa de desemprego entre os jovens atinge quase 70% e isso torna a vida diária extremamente difícil. A emigração transforma-se quase numa obrigação em vez de constituir uma escolha. Por esse motivo, o Patriarcado Latino, juntamente com a Ordem do Santo Sepulcro, graças ao apoio no terreno da paróquia da Sagrada Família, lançou um projecto de criação de emprego em organizações não-governamentais e empresas privadas para 20 jovens licenciados, que assim encontraram emprego durante doze meses, entre Outubro de 2018 e Outubro de 2019. O objectivo do projecto era «permitir que jovens cristãos entrassem no mercado de trabalho geral em Gaza, não apenas nas instituições e comunidades cristãs, para adquirir uma experiência de trabalho mais ampla e garantir uma abordagem integral, ca-



paz de abrir caminho para o crescimento profissional e o desenvolvimento futuro», comenta o Patriarcado Latino.

Os jovens começaram por receber uma formação intensiva de duas semanas sobre técnicas de comunicação, formação de equipas, gestão de tempo, preparação de relatórios e currículos, gestão de equipas e competências de liderança.

Os vinte jovens seleccionados foram colocados em diferentes instituições, nas quais assumiram posições diferentes, consoante as suas qualificações. Yasmin Samir Saba é formado em Serviço Social e trabalhou no Centro de Saúde Mental de Gaza, enquanto Fouad Maher Ayad, formado em Direito, trabalhou num escritório de advogados. Três jovens foram contratados pela Escola Al-Manara como professores de Inglês, professor de educação física e como bibliotecária, e dois jovens foram colocados na Associação

Todos os anos, a Ordem também apoia outras iniciativas cristãs na Terra Santa, como, por exemplo, a Universidade de Belém, a Escola das Irmãs do Rosário de Gaza, o Hogar Niño Dios, a Creche - Casa da Sagrada Família e o Instituto Effatà em Belém. Visite o nosso website para obter mais informações sobre os nossos projectos.

Aisha para Proteção de Mulheres e Crianças, um como coordenador de projectos e outro como gestor de técnicas de informática. O último, Elias Issa Fahho, é um jovem de 31 anos que, depois de se licenciar, trabalhou sete anos na Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente (UNRWA). Infelizmente, os fundos disponíveis para esta agência diminuíram e, em simultâneo, Elias teve um filho. Graças ao projecto, conseguiu sustentar a família durante esses meses e a associação para a qual trabalhou conseguiu ter um recurso interno competente para a gestão de sistemas de TI, em vez de contratar consultores externos.

Mayssa Issa Khouri tem 26 anos e é licenciada em Farmácia. Porém, não teve a oportunidade de ganhar experiência prática. Durante o projecto, Mayssa trabalhou na farmácia Aziz em Gaza. «Ter um emprego dá-me esperança. Antes de ter essa oportunidade, passava o meu tempo em casa a pensar nas dificuldades desta situação, agora penso na melhor forma de aumentar e melhorar as minhas competências. Agora sinto que tenho um objectivo na vida», afirma. A dificuldade destes jovens não termina em termos económicos, a partir do momento em que recebem um salário. Para os jovens que entram no mercado

de trabalho, é importante evoluir profissionalmente e sentir que estão a contribuir para a sociedade com seu conhecimento e o seu compromisso. Este foi um dos frutos desta iniciativa, apoiada pela Lugar-Tenência alemã.

Mariam Tarazi trabalhou na Sociedade Palestina de Socorro Médico e agradece a todos os que tornaram possível essa experiência: «Gostaria de agradecer a oportunidade deste projecto, que nos ajudou a desenvolver as nossas competências e a aprofundar as relações com instituições da sociedade civil».

No canal YouTube do Patriarcado Latino está publicado um vídeo com os agradecimentos de Mariam e dos outros jovens.

Já foram, entretanto, atribuídos fundos adicionais e o projecto continua a funcionar: a maioria dos jovens continua sua colaboração com as estruturas que os contrataram e que aceitaram contribuir parcialmente para o seu salário. Outros dez jovens iniciaram, já em Maio de 2019, os doze meses de experiência profissional.

A intervenção da Ordem não é muito publicitada, mas tem como objectivo ajudar a semear o futuro da Igreja na Terra Santa.

Elena Dini

Ensinar sobre “a diversidade religiosa” na Terra Santa

Um padre católico ensina o judaísmo e uma judia israelita ensina o cristianismo

Ensinar sobre outras formas religiosas num local com a complexidade da Terra Santa é uma missão importante para favorecer o conhecimento mútuo e abrir o caminho para o diálogo e uma melhor convivência.

O Padre David Neuhaus, SJ, é o Superior dos Jesuítas na Terra Santa. Filho de judeus alemães e nascido na África do Sul, foi vigário patriarcal para os católicos de língua hebraica do Patriarcado Latino de Jerusalém. Desde 2000, ensina judaísmo a seminaristas e estudantes católicos na Universidade de Belém, bem como noutras instituições académicas da Palestina e do mundo árabe. Publicou recentemente um livro em

árabe, intitulado em português O Judaísmo entre nós: uma introdução ao Judaísmo para os árabes cristãos. “Enquanto na maior parte do mundo, os estudantes sabem pouco sobre judeus e o judaísmo e o desafio é educá-los, na Palestina e no mundo árabe os estudantes sabem muito sobre judeus por causa do conflito político em curso.

É claro que esse conhecimento se baseia na hostilidade”, diz o Padre David Neuhaus. O risco é limitar a isso o nosso conhecimento sobre o judaísmo e negligenciar a herança partilhada por cristãos e judeus, que nos vem do Antigo Testamento, e a nossa história, partilhada por cristãos, muçulmanos e ju-

deus, com bons e maus momentos ao longo de vários séculos, e negligenciar ainda os nossos valores religiosos, espirituais e culturais partilhados", acrescenta. O livro estrutura-se como uma monografia e está dividido em quatro partes: uma introdução descrevendo quem são os judeus e os motivos pelos quais devemos conhecê-los; um longo capítulo traçando a história dos judeus desde os tempos bíblicos até à era moderna; um terceiro capítulo detalhando os vários aspectos da religião judaica; e, finalmente, uma discussão sobre os judeus no mundo moderno, incluindo secções sobre a diversidade judaica, o secularismo judaico, o zionismo, os judeus no mundo árabe e os judeus na modernidade. "Este livro tem como objectivo ensinar, de modo respeitador, o que são os judeus e o judaísmo sem ignorar o abismo que separa israelitas judeus e palestinos e árabes, por causa de décadas de conflito sobre a Terra, que todos reconhecem como Terra Santa, dolorosamente dividida entre Israel e a Palestina", afirma o Padre David Neuhaus.

Com a Declaração sobre a Relação da Igreja com as Religiões Não-Cristãs do Concílio Vaticano II, *Nostra Aetate*, promulgada em 1965, a Igreja Católica inaugurou uma nova fase do seu relacionamento com o mundo judaico. Deram-se muitos passos importantes, mas não podemos esquecer que esse é um relacionamento que devemos continuar a construir cuidadosamente. "Conhecer o outro, especialmente o modo como o outro se encara a si próprio, não é apenas uma experiência rica, mas também uma parte importante de nossa missão como cristãos. Chamados a amar todos, temos de os conhecer", conclui o Padre David Neuhaus.

A alguns quilómetros de distância, Hana Bendcowsky trabalha para o Centro Rossing para a Educação e o Diálogo. À semelhança do Padre David Neuhaus, também Hana ensina sobre a "a diversidade religiosa" há muitos anos. De ascendência e formação judaica e licenciada em Religiões Comparadas pela Universidade Hebraica, Han Bendcowsky dá aulas a judeus israelitas sobre o Cristianismo e os cristãos na Terra Santa. Hana e o Centro Rossing oferecem muitos formatos educativos, desde disciplinas académicas anuais ou semestrais para professores na universidade, passando por disciplinas para unidades do , e programas de educação de adultos, até visitas guiadas e cursos para funcionários do governo que precisam de saber mais sobre o Cristianismo porque, por exemplo, podem vir a servir o Estado de Israel no estrangeiro e a trabalhar com cristãos de outros



Oriundo de um meio judaico obteve uma licenciatura em Religiões Comparadas na Universidade Hana Bendcowsky com ligação ao Rossing Center para a Educação e Diálogo, ensina o Cristianismo aos judeus israelitas.

locais. "Também tenho alunos cristãos que vêm aqui, mas não sabem nada sobre os cristãos locais, as igrejas orientais e a relação entre diferentes igrejas. Faço sobretudo palestras sobre os cristãos na Terra Santa ou sobre as relações judaico-cristãs em Israel", afirma

Hana.

Nos cursos que lecciona, Hana pretende ajudar as pessoas a compreender melhor o Cristianismo e ainda a descobrir a presença local dos cristãos. Com a sua experiência de vida, compreendeu a existência de duas vertentes que é importante considerar quando os judeus israelitas abordam o Cristianismo: uma vertente histórica e uma teológica. "Quando os judeus israelitas olham para os cristãos, pensam imediatamente na História, nas relações dolorosas entre cristãos e judeus. É difícil para eles deixar o passado de lado e relacionar-se com os membros desse grupo religioso", afirma. Quanto à vertente teológica, Hana afirma: "Embora partilhemos as mesmas Escrituras, temos interpretações diferentes. O Cristianismo é baseado na fé enquanto no judaísmo, se um judeu

seguir os mitzvoth (mandamentos), isso significa que Deus está presente na sua vida e não fazem perguntas sobre a fé - se é forte ou se é suficiente. Essas não são perguntas judaicas, apenas perguntamos se alguém acredita em Deus e o que faz por esse motivo.

Nos seus cursos e nas visitas guiadas, Hana continua a apresentar a vida dos cristãos locais. “Então temos de explicar que há cristãos aqui, quem são e o que significa ser cristão aqui. Essas pessoas têm raízes neste lugar, desde o início do Cristianismo, e não estão realmente ligadas ao que aconteceu aos judeus na Europa. No entanto, o problema teológico ainda existe e, no contexto do conflito israelo-palestino, aceitar que Jesus era judeu é um desafio.”

Quando questionada sobre o motivo pelo qual considera ser importante ensinar sobre a religião do "outro" em Israel, Hana responde que essa motivação assume três facetas: primeiro, ao aprender sobre o outro, uma pessoa aprende mais sobre si mesma; segundo, uma pessoa não pode compreender realmente a Terra Santa sem conhecer as outras religiões. Terceiro, "para ajudar os cristãos que aqui vivem", afirma. “Os cristãos são uma minoria dentro de uma minoria e uma minoria importante, que pode fazer a ponte entre o Oriente e o Ocidente, entre árabes e judeus e os cristãos fazem parte desta Terra Santa. É como uma pintura com cores diferentes: quando se retira uma, a pintura perde a beleza e o significado. Portanto, acho que é nossa responsabilidade como maioria, como judeus, garantir que os cristãos fiquem aqui. Uma das maneiras de garantir que os cristãos se sentem bem aqui é garantir que as pessoas sabem quem são, conhecem a sua fé e a sua identidade.”

“Infelizmente - comenta Hana - são oferecidas pou-



Conhecer o outro, especialmente o modo como o outro se encara a si próprio, não é apenas uma experiência rica, mas também uma parte importante da nossa missão como cristãos. Chamados a amar todos, temos de os conhecer”, afirma o Padre David Neuhaus, autor de um livro publicado recentemente sobre o judaísmo para os árabes cristãos.

cas disciplinas sobre o Cristianismo em Israel e, geralmente, essas disciplinas são de História. Os estudantes podem fazer licenciaturas quer no departamento de História quer no departamento de Religiões Comparadas e acabar sem saber nada sobre o Cristianismo na actualidade.” Portanto, Hana trabalha com instituições académicas e não-académicas, ou com faculdades de formação de professores com o objectivo de promover a educação sobre outras religiões e favorecer encontros com a diversidade religiosa. Durante as visitas guiadas ao bairro cristão, Hana gosta de “promover encontros e levar as pessoas a conhecerem cristãos. Pode parecer estranho, mas é raro um judeu israelita encontrar-se com um cristão.” “Onde quer que trabalhemos, descobrimos que as pessoas estão ansiosas por estudar, têm uma grande curiosidade e as instituições têm muito prazer em incluir esses programas nos seus planos curriculares”, conclui.

Elena Dini

«Nem sempre é fácil, não acontece com todos, mas as mudanças acontecem»

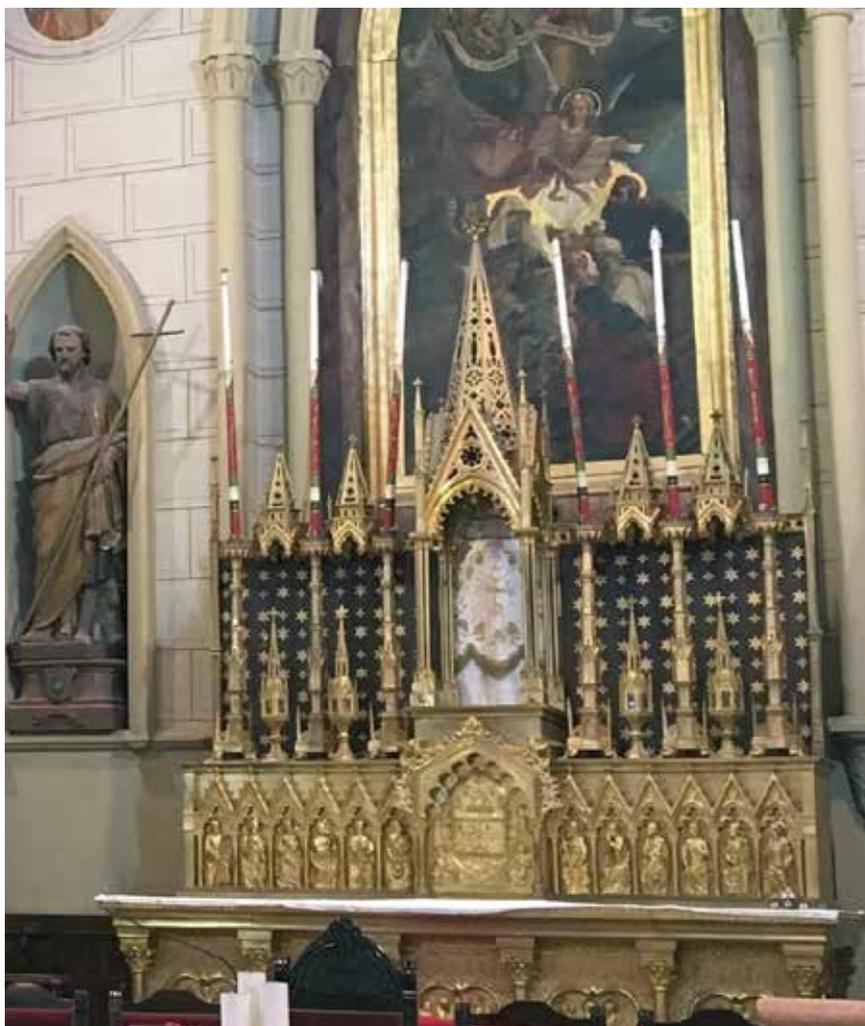
Hana Bendcowsky, do Centro Rossing para Educação e O Diálogo, lecciona sobre o Cristianismo. Ela afirma: “Posso dizer, com toda a certeza, que depois de um semestre (disciplina de 28 horas) os alunos mudam de opinião. Na primeira sessão da disciplina, peço que os alunos levem símbolos pertencentes a diferentes religiões. Um aluno afirmou que não era capaz de ter uma cruz nas mãos. No final do semestre, disse que já não era ameaçador para ele segurar numa cruz, porque naquela altura já compreendia o seu significado.”

As colecções de arte do Patriarcado Latino

*Por Bernard Berthod, Director do Museu de Arte Sacra
Fourvière (Lyon)*

Desde a data da sua refundação, em 1847, o Patriarcado Latino de Jerusalém foi sempre apoiado por sucessivos Papas e pelos católicos europeus, não só através de doações em dinheiro, mas também de doações de obras de arte e objectos litúrgicos. Consciente da importância histórica e espiritual dessas doações, o Arcebispo Pizaballa quis fazer um inventário. Sensibilizado por Charles-Edouard Guibert-Røed, gestor de projectos culturais do Patriarcado Latino, nos anos de 2017 e 2018,¹ entrou em contacto com o autor deste artigo - especialista em arte litúrgica² - e com um jovem especialista em ourivesaria religiosa, Gaël Favier³. Um projecto com a duração de uma semana, em Fevereiro de 2019, tornou possível compilar um inventário das várias peças preservadas na Co-catedral e no Patriarcado Latino⁴.

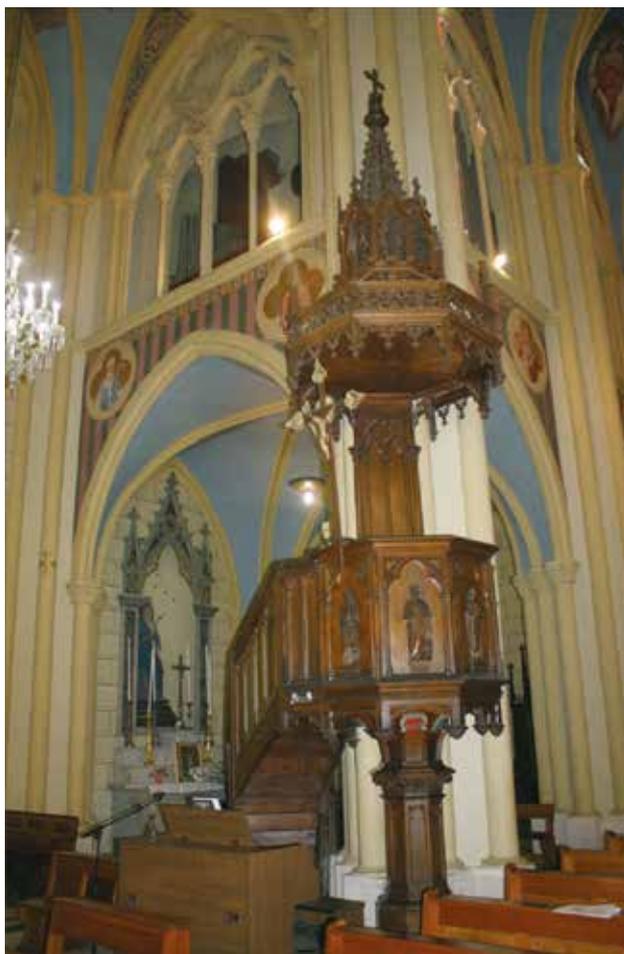
Este inventário - composto por quase quatrocentas peças - reúne todas as obras de arte do Patriarcado Latino: ourivesaria artística em ouro, prata e bronze, têxteis, pinturas, retratos dos patriarcas, achados históricos. Estas obras encontram-se no palácio, na catedral e nas sacristias. Reflectindo o estilo de artistas e artesãos europeus da época, as peças também constituem um testemunho do apoio da comunidade católica ocidental ao Patriarcado Latino e aos católicos latinos da Terra Santa. Os membros da Ordem do Santo Sepulcro estão em primeiro lugar entre os doadores.



Altar Mor da Co-catedral, com relevos em bronze e cobre dourados, Placide Poussielgue-Rusand, Paris, c. 1870.

A co-catedral e seus objectos litúrgicos

A generosidade dos católicos europeus concentra-se primordialmente na Co-catedral, a sede do Patriarca Latino. O Monsenhor Valerga defendeu a construção de um novo edifício desde 1860, já que a Catedral ofi-



Púlpito.

cial - a Basílica do Santo Sepulcro - é difícil de usar em grandes cerimónias, devido à proximidade de outros cultos e à sua pequena dimensão. A Co-catedral tem o nome de Co-Catedral do Santíssimo Nome de Jesus. A primeira pedra foi lançada em 1862, e o Arcebispo Valerga consagrou a Co-catedral dez anos depois (em 11 de Fevereiro de 1872), por ocasião da celebração do 25.º aniversário da sua sagração episcopal. Contou com o contributo de muitos artistas e benfeitores: as pinturas murais são de Vincenzo Paccelli, os órgãos foram construídos por Bassani, de Veneza, a escultura do coro vem da escola parisiense de Désiré Froc-Robert, as quatro estátuas de terracota policromada - retratando São João Batista, São Tiago, o mártir, São Luís de França e Santa Helena - foram doados pelos Cavaleiros da Ordem do Santo Sepulcro da Bélgica, em 1884. Perto do altar do Espírito Santo, encontra-se uma estátua da Imaculada Conceição, atribuída ao cinzel do artista lionês Joseph Fabisch. Duas obras de grande importância - o altar mor e o

púlpito - são do atelier do ourives parisiense Placide Poussielgue-Rusand. O imperador Francisco José da Áustria doou o altar mor neogótico em 1869. O complexo de bronze dourado apresenta uma técnica versátil com gravação em relevo. Melquisedec e Aarão estão representados nas laterais do túmulo: na frente, ao lado das grandes armas heráldicas austro-húngaras, a Anunciação, o Casamento da Virgem e a Visitação. A escadaria é adornada com bustos dos apóstolos e discípulos: João Batista, Judas Tadeu, Bartolomeu, Tiago, André, João, Tomé e o diácono Estêvão. A porta do tabernáculo com o cordeiro sobre o livro dos sete selos rodeado pelo tetramorfo foi criada por Eugène Viollet-le-Duc. Seis castiçais e quatro relicários neo-góticos completam o conjunto.

O púlpito neogótico é feito de talha policromada. As escadas apresentam baixos-relevos representando Cristo cercado pelos quatro Evangelistas. Por baixo do púlpito, vêem-se quatro escudos decorados por Poussielgue-Rusand, constituindo a sua marca registada: as armas de Giuseppe Schedoni di Camiasso, Auguste e Eugène Baron, além de Joseph Crépin du Havelt, este último como doador.

As diferentes colecções

A ourivesaria litúrgica com mais de duzentas peças constitui o maior núcleo da colecção. É oriunda de vários países europeus, integrando peças francesas, belgas, alemãs e espanholas, com grande predomínio da Itália. Entre elas, distinguem-se uma capela episcopal doada pelo Papa Pio IX a Monsenhor Valerga, uma bela cruz processional, da ourives parisiense Marie Thierry, e um ostensório monumental de Poussielgue-Rusand, desenhado por Viollet-le-Duc, cálices da primeira metade do século XIX artesanais.

Cruz processional patriarcal, Marie Thierry, prata, Paris, c. 1862.



to palestino, bem como numerosos relicários e um grande conjunto de altares trabalhados em bronze. As insígnias pontificais ou pontificalia, pertença dos vários patriarcas, constituem uma parte significativa do património. São essencialmente cruzes peitorais, anéis pastorais, pequenos castiçais - incluindo o de Monsenhor Valerga feito pelo ourives Antonio Belli (Roma, 1860-1867) e duas cruzes pastorais doadas pelos Cavaleiros da Ordem Santo Sepulcro de Colónia e da Catalunha. No sector têxtil, existem várias mitras - incluindo a do Patriarca Bracco-, dalmáticas e luvas pontificais.

Algumas obras de arte famosas

A capela episcopal doada pelo Papa Pio IX ao Patriarca Valerga é sua própria capela, construída nos Estados Papais no início do século XIX. Foi dada como presente a Giovanni Maria Mastai Ferretti, por ocasião da sua sagração como Bispo de Ímola, em 3 de Junho de 1827. O Papa Pio IX doou-a ao Patriarca Latino, depois de a ter consagrado na Capela Paulina do Palácio Quirinale, em 10 de Outubro de 1847. O estojo com alfaias litúrgicas contém vinte peças de prata, estilo Primeiro Império: cálice, patena, jarro e bacia, osculatorium, cibório, castiçal pequeno, galhetas, sino, tesoura de tonsura, pastoral, aspersório, bastão de leitura e seis bandejas. Os objetos sagrados estão dispostos dentro de uma caixa de madeira forrada com damasco de seda azul, cuja tampa é decorada com uma placa de prata com o brasão do Papa Mastai. Este presente atesta a importância que o Papa Pio IX atribuía à refundação do Patriarcado Latino e a estima que tinha por Giuseppe Valerga.



O báculo doado pelos Cavaleiros da Ordem do Santo Sepulcro de Colónia foi feito pelo ourives Gabriel Hermeling, em 1862, em estilo neogótico, então em voga na Europa Ocidental. Colón-

Báculo oferecido pelos Cavaleiros da Ordem do Santo Sepulcro de Colónia, G. Hermeling, prata e esmaltes, Colónia, 1862.

Estojo com alfaias litúrgicas (prata) oferecido por Pio IX ao Patriarca Valerga, Itália, cerca de 1810.



ia tem sido um centro activo de arte litúrgica, com

numerosos ourives, prateiros e artesãos. O báculo em prata dourada é coberto com decorações esmaltadas; a voluta da extremidade curva contém uma Adoração dos Magos. Dentro de nichos especiais, vêem-se os Santos Helena, Tiago, o Velho, Maurus, Severus, Tiago, o Jovem e Gideão, com as armas da Ordem do Santo Sepulcro. O báculo é embelezado com um bestiário medieval em esmalte canelado⁵.

A caixa - oferecida ao Patriarca Latino Bracco pelos membros da Aliança Católica e pelo futuro Cardeal Langénieux - é uma obra do ourives de Lyon, Thomas-Joseph Armand-Calliat, c. 1885. Este ourives trabalhou entre 1853 e 1901 e é conhecido pela produção de elevada qualidade e pela criação de esmaltes maravilhosos. Trabalhou para os Papas Pio IX e Leão XIII, bem como para muitos cardeais e bispos. As obras de Thomas-Joseph Armand-Calliat podem ser admiradas nos grandes santuários europeus: Roma, Paris, Lourdes, La Salette, Lorette, Fourvière e Marselha. A Aliança Católica é uma associação francesa fundada em 1882 pelos abades Augustin e Joseph Lehmann, cânones de Lyon, para a "defesa dos direitos de Nosso Senhor Jesus Cristo", com a finalidade de se opor ao anticlericalismo do governo francês. A iconografia que adorna a caixa traça um paralelo entre o novo crescimento católico - caro aos membros da Aliança perante o governo republicano anticlerical - e a cruzada histórica iniciada por Urbano II.

O medalhão central mostra o Papa ao centro, entre o Beato Pedro, o eremita, e São Luís, segurando a coroa de espinhos. São legíveis dois lemas, um na frente do outro: "Dieu le veut" (Deus o quer), o grito de guerra dos primeiros cruzados, e o lema da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, bem como



Vista do Patriarcado Latino de Jerusalém, que alberga as colecções descritas neste artigo.



Pequeno cofre da Aliança Católica, Armand-Calliat, prata dourada e esmalte, Lyon, c. 1885, detalhe do medalhão central.

"Nous voulons Dieu" (queremos Deus), revelador da opressão sofrida pelos católicos na França da época. Também se vê o estandarte da Aliança Católica que trespassa "a besta infame". Além disso, vêem-se três flores, que representam três importantes locais de peregrinação francesa: uma margarida que representa Paray-le-Monial, um lírio que representa Reims e uma rosa que representa Fourvière. A coleção de obras de arte acima mencionada atesta o

apoio ao Patriarcado Latino prestado pelos católicos europeus e, em particular, pelos membros da Ordem do Santo Sepulcro, desde o início, seguindo o exemplo do Papa Pio IX. Para aumentar esse apoio, seria desejável planejar uma campanha de restauro, necessário para numerosas obras, especialmente para as duas pastorais e o castiçal de Pio IX. As obras restauradas poderiam ser apresentadas aos peregrinos e poderiam até converter-se numa exposição itinerante, circulando por várias Lugar-Tenências.

Ilustrações © Gaël Favier

- 1 Historiador e Director da Escola Notre-Dame, em Vineuil (Loir-et-Cher).
- 2 Director do Museu de Arte Sacra de Fourvière (Lyon), consultor emérito da Comissão Pontifícia para o Património Cultural da Igreja, Cavaleiro Grã-Cruz da Ordem do Santo Sepulcro.
- 3 Estudante de doutoramento da Escola de Estudos Superiores, Paris.
- 4 <https://www.lpj.org/posts/latin-patriarchate-ofjerusalem-a-re-discovered-liturgical-heritage-%205e4760b36e8b4.html> <https://www.lpj.org/posts/latin-patriarchate-ofjerusalem-a-re-discovered-liturgical-heritage-5e4760b36e8b4.html>
- 5 Na inscrição sobre o báculo lê-se: PATRIARCHALI HIERSOLYMATANAE / DEDICATE OC PEDUM SOCIETAS / SANCTI SEPULCRI COLONIENSIS MDCCCLXII.



GUCCIONE
DEPUIS 1975
CONDECORAÇÕES DAS ORDENS



**Ordem do Santo Sepulcro
Ordens Equestres Pontifícias
Ordem de Malta
Ordens Dinásticas Italianas**

A lugar-tenência da Austrália ocidental e as ocasiões de encontro com os seus membros da malásia

Tivemos oportunidade de contar a história da presença da Ordem do Santo Sepulcro na Malásia, na nossa publicação do ano passado (Boletim 53, página XIX). Apesar da distância que separa a Lugar-Tenência de origem da Austrália Ocidental, os membros da Delegação de Penang, Malásia, criada em Fevereiro de 2019, tiveram este ano algumas oportunidades para se encontrar com os membros australianos da sua Lugar-Tenência. Em Novembro de 2019, vinte e três membros australianos (Austrália Ocidental) partiram para uma peregrinação à Terra Santa. Durante duas semanas seguiram os passos de Jesus, aprofundaram a Palavra de Deus e visitaram os Lugares Santos e as obras de caridade apoiadas pela Ordem. Durante esses dias, os peregrinos tiveram a alegria de se encontrar em Jerusalém com um grupo de quarenta peregrinos da Malásia, incluindo vários Cavaleiros e Damas, liderados pelo Padre Michael Cheah, Cavaleiro Comendador da Ordem do Santo

Sepulcro. Uma oportunidade de crescer em conhecimento mútuo e em comunhão, vivida de modo muito particular na Terra de Jesus, que recorda aos Cavaleiros e Damas a sua missão. Julian Liew, Dama da Delegação de Penang, diz que essa primeira peregrinação à Terra Santa foi «iluminadora e espiritualmente benéfica». Esses dias constituíram uma oportunidade para aprofundar a fé e para se questionar sobre os planos de Deus para si. «Sinto-me tão grata por esta viagem... abriu-me os olhos», afirma. Alguns meses mais tarde, outra ocasião reuniu os membros da Lugar-Tenência da

Os membros australianos da Ordem que fizeram uma peregrinação à Terra Santa tiveram a alegria de encontrar em Jerusalém um grupo de quarenta peregrinos da Malásia, incluindo vários Cavaleiros e Damas: uma oportunidade de crescer em conhecimento mútuo e em comunhão viva, seguindo os passos de Jesus.



Austrália Ocidental dos dois continentes: a primeira investidura da Ordem do Santo Sepulcro em Penang, na Malásia. A Igreja da Imaculada Conceição em Penang foi o cenário deste evento histórico, que teve lugar nos dias 18 e 19 de Janeiro de 2020. Aos membros da Malásia (dos Estados de Perak e Pulau Pinang) juntaram-se quinze Cavaleiros e Damas australianos, liderados pelo Lugar-Tenente da Austrália Ocidental, Kevin Susai, também acompanhado pelo seu antecessor, o Lugar-Tenente Emérito Jack Gardner.

Nos últimos anos, vinte e cinco membros da Malásia foram investidos em Perth, na Austrália. Em Janeiro, dezanove novos membros (sete cavaleiros e doze damas) juntaram-se às suas fileiras, motivados pelo amor à Terra Santa e ansiosos por se comprometerem com o apoio caritativo às comunidades locais. Portanto, neste país de maioria muçulmana, em que os cristãos representam apenas 9% da população, a Delegação de Penang tem até à data quarenta e quatro membros.

A alegria dos Cavaleiros e das Damas desta nação

asiática é a de poder crescer juntos na fé e de se poder juntar aos 30 000 membros da Ordem de outros continentes para realizar o que, no seu discurso aos membros da Consulta de 2018, o Papa Francisco definiu como «as muitas actividades espirituais e de caridade que realizam em benefício do povo da Terra Santa».

O Santo Padre também quis recordar como «é um bom sinal o facto de as iniciativas da Ordem no campo da formação e da assistência à saúde serem abertas a todos, independentemente das comunidades a que pertencem e da religião que professam. Deste modo, a Ordem ajuda a pavimentar o caminho para tornar conhecidos os valores cristãos, promover o diálogo inter-religioso, o respeito mútuo e a compreensão mútua». Essa atenção à diversidade religiosa é, portanto, uma abordagem clara da Ordem na Terra Santa e, certamente, a experiência diária de respeito e colaboração dos membros da Malásia com os seus compatriotas muçulmanos constitui uma riqueza adicional.

E.D.

Jovens voluntários ao serviço da esperança na Terra Santa

«Há dois anos, a nossa Lugar-Tenência fez a sua peregrinação à Terra Santa com o novo Lugar-Tenente José Carlos Sanjuán y Monforte e parte da sua família, incluindo o seu filho Lucas e três outros rapazes, filhos de um futuro cavaleiro que em breve viria a ingressar na Ordem. Durante a viagem nasceu a ideia de organizar uma peregrinação orientada para uma experiência de voluntariado que permitisse aos mais novos conhecer, em primeira mão, a Terra Santa, o trabalho da Igreja Diocesana, as organizações religiosas que estão presentes nos Lugares Sagrados, apoiando os cristãos e os mais necessitados entre a população».

Estas são palavras de María José Fernández y Martín, Dama da Lugar-Tenência de Espanha Ocidental, descrevendo a forma como foram lançadas as bases da magnífica experiência partilhada em Julho de 2019 por treze jovens (quatro rapazes e nove raparigas) que ela acompanhou à Terra Santa em duas semanas de peregrinação e voluntariado.

«**T**ivemos que preparar um programa que combinasse trabalho e peregrinação. Para a maioria dos jovens era o seu primeiro contacto com a Terra Santa. Sendo uma primeira experiência, foi claro para a Lugar-Tenência que tinha de ser um momento especial que nos permitisse abrir um caminho promissor para o futuro de um ponto de vista humano e espiritual, unindo valores Cristãos e colocando-os em prática de uma forma real e activa», comentou Maria José.

Perto das crianças de Belém

Dos treze voluntários, as cinco raparigas mais novas ofereceram-se como voluntárias para o “La Crèche”, um orfanato em Belém dirigido pelas Irmãs da Caridade de São Vicente de Paula, enquanto os restantes oito jovens ofereceram o seu trabalho no “Hogar Niño Dios”, um Instituto da Família Religiosa do Verbo Encarnado, que acolhe crianças com deficiência.



Ambas as instituições beneficiam há muito tempo do apoio da Ordem do Santo Sepulcro. Há cerca de sessenta crianças dos zero aos cinco anos de idade em La Crèche. «Quando chegámos, um bebé nascido aos sete meses de gestação tinha sido abandonado e tinha acabado de entrar no orfanato. Os pulmões ainda incapazes de respirar autonomamente precisavam de oxigénio e no seu berço na creche, vimos o seu pequeno corpo lutar pela vida. Junto deste recém-nascido, havia mais doze crianças que tinham menos de 6 meses de idade... todos estavam à espera de uma carícia, de um gesto de afeição que os fizesse sentir-se amados ...», disse Maria José, acrescentando que no final do período de voluntariado, as cinco voluntárias tinham recebido a carinhosa alcunha de "Damas da Creche".

O outro destino para os nossos voluntários situa-se a uma curta caminhada da Basílica da Natividade: o Hogar Niño Dios. As irmãs sugeriram imediatamente que a melhor atitude a ter para uma experiência real do tempo passado no Hogar era: «um coração aberto, um sorriso nos lábios e um grande desejo de acção». As crianças do Hogar precisam de muita atenção e os rapazes ajudaram quer com as crianças, quer com as actividades diárias de manutenção da casa; limpeza, lavagens, organização, ajuda na cozinha e na despensa. Entre os muitos momentos especiais, Maria José sublinha a festa realizada no último dia.

«Quando os voluntários terminam o seu tempo

Além de trabalharem como voluntários, os jovens também experimentaram a alegria de serem peregrinos.

no Hogar há uma grande festa. Então, a Irmã Nives liga o seu telemóvel a um amplificador e coloca uma compilação de canções alegres de que as crianças realmente gostam. Cada criança escolhe um voluntário, que lhe pega ao colo para dançarem. Até aqueles que podem movimentar-se sózinhos escolhem um voluntário para dar as mãos e divertem-se fazer as suas próprias coreografias divertidas e carinhosas. Como é que podemos realmente dar um valor a momentos como estes? Como se pode descrever o riso de uma criança ou de um bebé cujas limitações são tão grandes que mal podem movimentar-se sozinhos? Como podemos descrever a experiência de testemunhar a alegria de uma criança cuja deformação constitui um risco permanente para a sua vida? Depois de se ter dançado com um destes pequeninos, tudo muda. Naquele abraço apagam-se as distâncias. Há uma fusão perfeita de corações e amor incondicional. Aquela criança será um amigo para sempre. Vamos lembrar-nos deles nas nossas orações e saberemos que, por eles, Deus nos abençoa em todas as nossas orações».

Fernando Elias Perez Esteban Picazo, um dos jovens voluntários, diz: «Esta experiência foi um presente do Senhor. Foi especialmente maravilhoso poder ter estado com as crianças de que as Irmãs tomam conta. Apesar de muitos não poderem falar, diziam tudo com os olhos. Têm um olhar de amor, de alegria, de simplicidade. Um olhar que agradece por todos os pequenos detalhes. Os olhos deles parecem-se como o modo como Deus olha para nós neste mundo: amar e esperar ser amado. Há tantas coisas a aprender com eles».



Durante uma actividade de voluntariado com crianças, num dos institutos apoiado pela Ordem na Terra Santa.

Seguindo os passos de Jesus

Além de serem voluntários, estes jovens também tiveram a alegria de serem peregrinos. Os três primeiros dias na Terra Santa foram dias de peregrinação na Galileia com base em Nazaré, a poucos metros da Basílica da Anunciação, numa das casas das Irmãs do Rosário.

Voltando novamente ao Fernando, este descreve a sua experiência na Basílica: «Este foi um lugar especial para mim. Sentar-me lá foi como estar presente no momento da Anunciação. Dei por mim a pensar como Deus tinha confiado uma tarefa de tão grande importância a Nazaré, a uma rapariga que vivia numa casa tão modesta. Mas é precisamente nisto que vemos a grandeza de Deus: Ele olha para o coração. E no coração de Maria encontrou um sim alegre, um abandono total ao Seu amor».

Ao chegar a Belém, que era a base deles para os restantes dias de voluntariado, algumas tardes e noites foram dedicados a visitar os lugares sagrados de Belém e Jerusalém.

Em particular, na noite de 8 para 9 de Julho, um grupo de cinco voluntários acompanhados por Maria José permaneceram em oração dentro da Basílica do Santo Sepulcro. «Das dez à meia-noite foi possível permanecer e rezar na Edícula. Durante o resto da noite estivemos em vários lugares sagrados. Rezámos juntos e estivemos em oração individual», disse Maria José. Um pouco depois o grupo preparou-se para outra experiência única: a celebração da Eucaristia dentro da Edícula do Santo Sepulcro. «Não é fácil descrever a emoção que cada um deles experimentou enquanto estivemos no lugar da Ressurreição a celebrar a Eucaristia. Foram vinte e cinco minutos intensos e cheios de emoção e todos

deram Graças a Deus por terem tido esta oportunidade», explicou Maria José com alegria.

No fim da peregrinação, o grupo de voluntários da Lugar-Tenência de Espanha Ocidental, em conjunto com um grupo de voluntários organizado pela Lugar-Tenência de Portugal (que organizava uma iniciativa de voluntariado pelo terceiro ano) teve a oportunidade de visitar o Patriarcado-Latino e reunir-se com o Arcebispo Pizzaballa, que queria saber como é que tinha sido a experiência que estes jovens tinham vivido e que também lhes descreveu a presença Cristã na Terra Santa e as actividades desenvolvidas pela Ordem.

«Um antes e um depois na minha vida»

Nuria Garcia já tinha estado na Terra Santa, mas «através das necessidades dos outros senti-me muito perto de Jesus. Foi uma peregrinação inesquecível que, sem dúvida, marcou um antes e um depois na minha vida. Agora entendo muito melhor porque há quem chame a esta Terra o Quinto Evangelho». Sérgio Hallado não quis ir quando a peregrinação para voluntários lhe foi proposta pela primeira vez. Ele tinha várias razões, incluindo o aspecto económico. Mas encontrou-se uma solução, graças à generosidade de muitos. No final da experiência, fez os seguintes comentários: «Eu só posso dizer três palavras sobre a viagem: única, inesquecível e emocional. E isto não só pela experiência em si mesma, mas pelas outras pessoas no grupo de quem já sinto imensa falta. Gostaria de fazer esta viagem outra vez, mudou a minha forma de ver as coisas, mas ainda mais do que isso, mudou a minha vida. Agora sou mais paciente e mais prestável. É por isto que gostava de dizer a todos aqueles que viveram esta experiência comigo e àqueles que a organizaram: MUITO OBRIGADO A TODOS DO FUNDO DO MEU CORAÇÃO!»

Elena Dini

Notícias da Lugar-Tenência de Portugal

Peregrinação rumo à Investidura



Fevereiro de 2019 - Grupo de peregrinos na Basílica da Anunciação, frente ao retábulo oferecido pela Lugar-Tenência de Portugal

mação espiritual organizadas pela Comissão de S. Miguel: missas e palestras mensais; retiro anual em Fátima; peregrinações em Maio e Outubro a este santuário; cerimónias da Paixão do Senhor e em tantas outras.

A Em 2019, quando se comemoravam 800 anos do estabelecimento em Jerusalém de um grupo de Frades Menores, a Lugar-Tenência de Portugal, encabeçada pelo Lugar-Tenente de então, D. Nuno de Bragança van Uden, reunindo membros da Ordem, candidatos e amigos, foi em peregrinação, à Terra Santa.

Não há melhor forma de começar o ano para um Cavaleiro ou Dama, que a de percorrer a Terra onde Nosso Senhor nasceu, morreu e ressuscitou. Essa Terra que tanto amamos e sentimos como nossa. Experiência importante esta, partilhada com candidatos à Ordem. Conhecer a minoria cristã que um dia protegerão. Ver e ouvir da sua boca as dificuldades enfrentadas diariamente e, com o exemplo da sua resiliência, capacidade de perdão e entejada, reforçar a nossa missão na Ordem.

A selecção e preparação de candidatos é uma das grandes preocupações da Lugar-Tenência de Portugal. Não basta querer pertencer à Ordem; é preciso demonstrar que se está à altura de assumir compromissos. O processo de candidatura começa com uma entrevista feita por membros da Comissão de Santo Condestável, responsável pela selecção e preparação dos novos candidatos.

Durante 2019, todos os candidatos foram convidados a acompanhar a Ordem nas actividades de for-

grinações em Maio e Outubro a este santuário; cerimónias da Paixão do Senhor e em tantas outras. À semelhança dos Cavaleiros e Damas, os candidatos também recebem o Evangelho quotidiano, associado ao Catecismo e, ainda, semanalmente, uma newsletter com notícias sobre a Ordem, preparada pelo Gabinete de Comunicação desta Lugar-Tenência.

Cerimónias de Investidura de novos Cavaleiros e Damas e Tomada de Posse do novo Lugar-Tenente

A 21 de Junho de 2019, na reunião do Capítulo, um a um, todos os candidatos se apresentaram ao Lugar-Tenente, aos membros do Conselho e a todos os presentes, transparecendo logo, a boa preparação espiritual e propósito de cumprir com as exigências desta Ordem.

Durante a Vigília de Oração e Velada d' Armas, os candidatos leram e assinaram a Promessa, sendo benzidas as insígnias.

Na manhã seguinte, no Mosteiro dos Jerónimos, durante a Santa Missa, foram investidos os novos Cavaleiros e Damas, tendo-se procedido também à passagem de testemunho do Lugar-Tenente



Créditos: Carlos Portuêz Ruiz

Cav. Gr. Of. Coronel Bartolomeu Nuno de Guanilho da Costa Cabral assume as novas funções como Lugar-Tenente

cessante, Cav. Gr. Of. D. Nuno de Bragança van Uden para o Cav. Gr. Of. Coronel Bartolomeu Nuno de Guanilho da Costa Cabral.

Foi com muita pena que não pudémos contar com a presença de S. Ex^a o Governador-Geral, Embaixador Leonardo Visconti de Modrone, devido a ter sofrido um acidente, impossibilitando-o, assim, de se deslocar a Portugal e presidir à

cerimónia como estava previsto. O Cav. Gr. Cr. Embaixador Alfredo Bastianelli, Chanceler da Ordem, assegurou a representação do Grão-Magistério. Estiveram também presentes S. Ex^a Cav. de Colar Avv. Giorgio Moroni Stampa, Vice-Governador Honorário, vários Cavaleiros e Damas das Lugar-Tenências de Espanha Ocidental e Oriental e da Suíça,

Carmo van Uden - Gabinete de Comunicação

Para os Cavaleiros e Damas, a Ordem é uma família e a Terra Santa uma segunda pátria

Donata Krethlow-Benziger, doutorada em Filosofia e Lugar-Tenente da Suíça e do Principado do Liechtenstein, dá-nos o seu testemunho dos laços fraternos existentes entre as Lugar-Tenências, fruto do amor comum pela Terra Santa e dos seus habitantes. As cerimónias anuais de Investidura onde participam membros de outras Lugar-Tenências, encorajam o espírito de família dentro da Ordem, ao serviço da Igreja Mãe que está em Jerusalém.

Durante o ano de 2019, tive a sorte de poder participar em três investiduras no estrangeiro: em Frankfurt, Milão e na Cidade de Nova Iorque. Já em anos anteriores tive a honra de assistir a Investiduras em Paris e Bordéus, na Irlanda, na Escócia e na Áustria, assim como na Alemanha por diversas ocasiões. Gostei, particularmente, de participar na Investidura em Nova Iorque, acompanhada pelo meu filho Carl Emmanuel com 20 anos de idade. Em todas as Lugar-Tenências recebemos um acolhimento sempre muito caloroso e familiar. Mesmo sendo nós estrangeiros, fomos acolhidos de braços abertos no seio da sua comunidade, de forma tão óbvia e natural, como se há anos per-



Durante 2019, a Lugar-Tenente da Suíça teve a sorte de participar em três cerimónias de Investidura no estrangeiro (aqui, em Milão).

tencêssemos a cada uma das Lugar-Tenências. Isto prova que formamos uma grande família, não só dentro das nossas lugar-Tenências específicas, mas também além-fronteiras, oceanos e continentes. A Consulta de 2018 demonstrou, em particular, esta solidariedade especial entre nós.

É interessante notar diferenças e peculiaridades nacionais, no espírito de «unidade na diversidade». No entanto, a unidade prevalece, graças às directivas do cerimonial litúrgico do Grão Magistério e, portanto, através da nossa Igreja Católica Romana universal.

As visitas de representantes das Lugar-Tenências estrangeiras por ocasião das nossas cerimónias de Investidura representam também uma imensa honra e prazer. É maravilhoso oferecer uma recepção amigável, mostrar o país ao honroso convidado, celebrar as Investiduras em conjunto e darem as boas-vindas aos novos membros da Ordem. Quantas amizades nasceram como resultado destas visitas mútuas e quantos contactos permanecem para sempre!

O que caracteriza as nossas celebrações é a fé e o amor pela Igreja, bem como a particular solidariedade para com os cristãos na Terra Santa. Desde a fundação da Ordem Equestre, todos os Papas confiaram estes cris-

tãos ao nosso cuidado pessoal.

Após a nossa Investidura, comprometemo-nos a apoiar os nossos irmãos e irmãs na Terra Santa. Sentimo-nos ligados a eles através dos nossos projectos, mas também através da oração.

A Terra Santa é uma segunda pátria

Projetos que fomentem a coexistência e o diálogo constituem uma base de apoio à paz na Terra Santa. O compromisso da Ordem – especialmente no domínio da educação – contribui para que pessoas de diferentes origens e religiões aprendam a viver em respeito mútuo, ou seja, em paz, liberdade e justiça. Tudo isto na terra onde Deus se tornou homem, viveu, morreu, onde se levantou e ascendeu ao céu.

Assumir a minha responsabilidade dentro da Ordem é uma tarefa importante e o olhar radiante das pessoas que podem beneficiar do nosso Apoio é uma dádiva. Nunca esquecerei a felicidade e gratidão daqueles que conheci durante as minhas muitas visitas à Terra Santa. Para nós, Cavaleiros e Damas, a Terra Santa representa uma segunda pátria. Quando vamos lá, vamos para casa. É por isso que viajar para a Terra Santa é de tal importância: permite-nos conhecer melhor o país e os seus habitantes, amá-los mais.

Investidura em Nova Iorque, na presença do Governador-Geral. «Em todas as Lugar-Tenências, sempre tivemos uma recepção muito calorosa e familiar», diz Donata Krethlow-Benziger.





A Investidura em Milão foi uma oportunidade para a Lugar-Tenente da Suíça rezar durante as celebrações com os seus confrades e consorores.

Um dos objetivos mais importantes para os membros da Ordem é o trabalho espiritual que visa fazer-nos progredir ao longo do caminho pessoal para a santidade. O Espírito de Deus actua na oração e na participação regular nos sacramentos. Na sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, o Santo Padre Papa Francisco afirma, que «a medida da santidade é dada pela estatura que Cristo alcança em nós... com a força do Espírito Santo». Como Cavaleiros e Damas, temos de nos direccionar para este compromisso espiritual interior, sobretudo para nos tornar em garantes do diálogo e

da justiça na Terra Santa.

Cientes da nossa tradição secular e da História da Ordem, devemos aceitar conscientemente esta missão para com os cristãos na Terra Santa, dar um rosto ao amor de Deus no mundo de hoje, para que todos nós possamos tornar-nos embaixadores credíveis da ressurreição de Cristo. Tal como disse recentemente o Secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin: «Poderíamos dizer, com toda a verdade, que os membros da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro, tanto Cavaleiros como Damas, são como que «embaixadores» da Terra Santa».

Os lugares da teofania

Uma meditação oferecida à Ordem pelo Cardeal Ravasi

Em dezembro de 2019, o Cardeal Gianfranco Ravasi, presidente do Pontifício Conselho para a Cultura, reuniu-se com os membros romanos da Ordem do Santo Sepulcro, para o habitual retiro do Advento, durante o qual ofereceu uma conferência, focada no tema da presença de Deus. «Nesta reflexão, desejo exaltar alguns lugares da teofania: onde podemos encontrar Deus, onde as Suas epifanias são celebradas, onde sentimos a Sua presença», indicou o Cardeal Ravasi no início da sua conferência. As seguintes passagens resumem os pontos-chave tratados nesta meditação.

Primeiro lugar do encontro: A Palavra

Na Bíblia, a Palavra é fundamental. O início da criação desencadeou-se através de um incidente "sonoro": «Deus diz: Que haja luz e houve» (*Gn* 1,3) e a história do povo de Deus esteve sempre ligado à Palavra. Quando Moisés teve que resumir a experiência vivida no Sinai, fá-lo num versículo traduzido pelo Cardeal Ravasi da seguinte forma: «Deus fala-vos do meio do fogo; ouvireis o som das palavras, mas não vos apercebeis de nenhuma forma a não ser de uma voz» (*Dt* 4,12). Deus é Palavra e tem todas as características da fraqueza da Pala-

vra, mas também, ao mesmo tempo, a sua extraordinária força e eficácia.

O Novo Testamento inscreve-se na mesma linha e começa no Evangelho de João também com a Palavra – «No início era o Verbo» (Jn 1:1) – narrando a sua grandeza para chegar à encarnação.

Voltemos a conhecer, ouvir e meditar sobre a Palavra. Na exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, o Papa Francisco diz: «A leitura orante da Palavra de Deus, que é 'mais doce que o mel' (Ps 119:103) mas mais cortante de que uma 'espada de dois gumes' (Heb 4:12), permite-nos parar e ouvir a voz do Mestre. Torna-se numa luz para os nossos passos ilumina o nosso caminho»(GE 156).

Segundo lugar do encontro: História

A história em todas as suas dimensões é um lugar da presença de Deus. Ao abrir aleatoriamente a Bíblia, normalmente não encontramos especulações teológicas, sistemáticas e abstratas, mas eventos "quotidianos". Deus manifesta-se e o homem descobre-o dentro do que está a acontecer e dos vários acontecimentos.

Somos chamados a procurar Deus na pessoa, como nos lembra *Mat 25*: no prisioneiro, nos famintos, nos sedentos. Na verdade, a maneira religiosa de conhecer Deus passa pela justiça, ágape e amor.

No Evangelho de Marcos, o Cardeal Ravasi explicou que 47% da história da vida pública de Cristo fala connosco de um Jesus que toca carne doente, mesmo a carne proibida – como a dos leprosos – e

O Cardeal Gianfranco Ravasi dirigindo-se aos Cavaleiros e Damas da Ordem durante o seu retiro de Advento.



«O espaço é o lugar da presença de Deus», diz-nos o Cardeal Gianfranco Ravasi.

a cura. De acordo com uma teoria generalizada, a lepra era sinal de um grande pecado e o leproso era excomungado. Aqueles que lhe tocavam ficavam contaminados não só pela doença, mas pelo mal que essa pessoa transmitia. Pelo contrário, Jesus vai conhecer os leprosos, toca-lhes e cura-os. Hoje somos convidados a reconhecer a epifania de Deus no outro, especialmente a pessoa que sofre.

A literatura sapiencial também nos indica onde procurar Deus. O Livro dos Provérbios oferece-nos uma série de cenas do quotidiano. Na verdade, é necessário encontrar Deus mesmo nos pequenos acontecimentos, não apenas nos grandes acontecimentos. "Não nos esqueçamos que Jesus pediu aos seus discípulos que prestassem atenção aos detalhes. O pequeno detalhe do vinho que estava

prestes a acabar, numa festa. O pequeno detalhe de uma ovelha desaparecida. O pequeno detalhe da viúva que lhe ofereceu duas pequenas moedas", comenta o Papa Francisco em *Gaudete et Exsultate* (GE 144).

Finalmente, não esqueçamos que a dor, o escândalo da solidão, o sofrimento são também o lugar da presença de Deus. No sofrimento, revela-se de maneira autêntica a nossa resposta ao amor de Deus.



O Deus de Israel que fala através da Bíblia convida-nos a reconhecer o seu trabalho em toda a criação. É precisamente aí que nos espera uma revelação de Deus, a sua presença para ser descoberta.

Terceiro lugar do encontro: Espaço

No momento em que deixamos o seio materno, entramos em duas dimensões: a do tempo e o do espaço. O espaço é a sede da presença de Deus. Inspiremo-nos no Salmo 148, onde é descrito um grande templo cósmico. A natureza fala – "os céus contam a glória de Deus" (Ps 148:2) – e somos chamados a encontrar nela a obra de Deus, em toda a criação. Há uma revelação de Deus que nos espera, a sua presença para ser descoberta.

No espaço também encontramos o templo. Um aforismo judeu diz: "O mundo é como um olho: o branco é o mar, a íris é a terra, o aluno é Jerusalém e a imagem reflectida nele é o templo." O templo é visto como o lugar supremo de presença. São João Damasceno disse que se um pagão nos for visitar e perguntar qual é a nossa fé, não usemos palavras, mas levemo-lo ao templo e mostremos-lhe as pinturas, a beleza dos ornamentos, deixemo-lo seguir o esplendor do culto... e ficar quieto.

Voltemos ao amor pelo templo e pela liturgia: que seja um momento que crie um oásis capaz de frutificar o resto dos dias da nossa semana.

Quarto lugar do encontro: silêncio

Este é um lugar especial para saborear a oração como contemplação, adoração, silêncio interior.

Muitas pessoas temem o silêncio porque só experimentam o vazio, o silêncio negro. Por outro lado, há um silêncio branco, rico em comunicação. Quando dois amantes não têm mais palavras, olham um para o outro e mantêm-se calados, Pascal sabe. Na fé, como no amor, os silêncios são muito mais eloquentes do que as palavras.

Nas Escrituras, encontramos a história de Elias que nos leva a reconhecer Deus no silêncio. Elias era um homem desesperado e perseguido, sozinho, e Deus disse-lhe para subir ao Monte Horeb para receber novamente a vocação. Uma vez na montanha, Elias esperaria por Deus e não o encontraria nem na tempestade nem no terramoto, mas no "som de uma brisa leve", um vento leve. Tal como Elias, exercitemos os nossos ouvidos para encontrar Deus ali, onde Ele se revela, também na Epifania do silêncio.

Dietrich Bonhoeffer reflecte sobre a ligação entre Palavra e Silêncio: "Fiquemos em silêncio antes de ouvir a Palavra para que os nossos pensamentos já estejam voltados para a Palavra. Fiquemos em silêncio depois de ouvir a Palavra para que esta ainda nos fale, viva e habite em nós. Fiquemos em silêncio de manhã cedo para que seja Deus a ter a primeira Palavra. Fiquemos em silêncio antes de ir para a cama para que pertença de Deus a última Palavra. Fiquemos em silêncio por amor à Palavra."

Resumo de **Elena Dini**

Um novo impulso no México, uma nação com uma história centenária de proximidade à Ordem

Um longo caminho de lealdade à Ordem

A presença da Ordem do Santo Sepulcro no México remonta à segunda metade do século XVIII, quando o Dr. Tomás Cuber y Liñán – oficial superior, vigário-geral, arqui-diácono e cónego do Santo Sepulcro de Calatayud – chegou à Nova Espanha como procurador da Corte Real do Santo Ofício. Desde então, havia esporadicamente alguns cavaleiros neste país. O capítulo mexicano da Ordem foi oficialmente criado em 1907 por decreto Quam multa te ordinamque de Sua Santidade Pio X. Nessa altura, D. José María Domínguez de Murta foi nomeado vigário judicial.

A sede da Lugar-Tenência estabeleceu-se na Cidade do México. Com o passar dos anos e o aumento de vocações, foi necessário criar três secções dependentes da Lugar-Tenência do México: Nueva Galicia, Nuevo León e Nueva Vizcaya, bem

como outra em Mérida, devido à existência de um grande número de Cavaleiros. A Lugar-Tenência do México contava com mais de 400 Cavaleiros e Damas, distribuídos por todo o território nacional. A morte súbita do Lugar - Tenente – o arquitecto José María Carracedo Bolinaga – surpreendeu toda a gente, tanto que nem foi possível escolher um sucessor, deixando a Lugar-Tenência inactiva durante doze anos. Em 2016, o Grão-Magistério nomeou Don Gustavo Rincón Hernández como líder interino, com a missão de reorganizar a Lugar-Tenência do México e dar-lhe uma nova vida. Quando o seu mandato começou, na verdade, havia apenas alguns Cavaleiros e Damas em actividade. O trabalho de D. Gustavo revelou-se muito fecundo uma vez que, a 9 de novembro de 2019, já existiam 53 Cavaleiros e 18 Damas.

A Investidura no México em 2019 permitiu duplicar o número de membros da Lugar-Tenência.





A cerimônia de Investidura na Cidade do México ficou marcada pela nomeação do novo Lugar-Tenente, Guillermo Macías Graue.

A Investidura em 2019 tornou possível duplicar o número de membros da Lugar-Tenência

A 9 de Novembro de 2019 quase todos os membros da Lugar-Tenência do México da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém reuniu-se em torno do Grão-Mestre de então, o Cardeal Edwin O'Brien, que veio à Cidade do México, acompanhado pelo novo Vice-Governador para a América Latina, Don Enric Mas, tendo aí sido investidos 61 Cavaleiros e Damas, e sido a última investidura presidida pelo Cardeal O'Brien, como Grão-Mestre da Ordem. A Lugar-Tenência é agora representada por cento e trinta e dois membros da nossa venerável e amada Ordem, que está a "subir" no país escolhido por Nossa Senhora de Guadalupe.

A cerimônia permitiu também que o novo Lugar-Tenente Guillermo Macías Graue tomasse posse. «Recebi a notícia da nomeação com surpresa e apreensão, uma vez que isso implica uma responsabilidade que vai além dos meus limites. Apesar disso, aceitei-a como um apelo de Deus a um maior compromisso de fidelidade à minha Investidura na Ordem. Compreendo – em harmonia com o Papa Francisco – como um apelo ao serviço dos meus



irmãos, Cavaleiros e Damas desta Lugar-Tenência do México», disse o novo Lugar-Tenente.

Comentando o caminho seguido pela Lugar-Tenência e sobre o que se espera para o futuro, Guillermo Macías Graue continuou: «É literalmente uma Lugar-Tenência resuscitada, tem sido cuidada como um doente grave e agora está pronta para sair novamente a encontrar-se com os cristãos da Terra Santa. É um caminho essencialmente espiritual que deve ser traduzido em ajuda prática. Acredito que o México tem a generosidade necessária para aceitar este desafio e aumentar cada vez mais o número de Cavaleiros e Damas que vivem a fé na primeira pessoa, sendo eles próprios "pedras vivas" para os nossos irmãos e irmãs do Médio Oriente».

Ricardo Próspero Morales Arroyo foi um dos Cavaleiros que se juntou à Ordem na Investidura de Novembro. Falou desta experiência: «Vi o convite para fazer parte da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém como uma vocação recebida de Deus. É uma bela oportunidade e uma forma de ajudar a Terra Santa, onde Cristo nasceu, viveu, morreu e ressuscitou. Em primeiro lugar, é

uma responsabilidade para com os nossos irmãos e irmãs cristãos que encontram dificuldades e têm necessidades particulares, num país que é tão importante para judeus, cristãos e muçulmanos».

Estes novos membros são um grito de esperança para a nossa Ordem e para Lugar-Tenência mexicana. É um sangue novo que renova a nossa decisão de viver a nossa vida cristã com o Cristo resuscitado e nos compromete a entregar-nos todos os dias num apostolado específico: manter a presença cristã na pequena terra de Nosso Senhor. Para tal, tiveram um ano de formação, onde tomaram conhecimento com a nossa espiritualidade e as necessidades dos nossos irmãos e irmãs na fé, homens e mulheres que caminham nos passos humanos de Jesus de Nazaré.

Lugar-Tenência do México



Oração do Cavaleiro e da Dama

**Senhor,
pelas Vossas cinco chagas, que trazemos nas nossas insígnias,
nós Vos suplicamos.**

*Concedei-nos a força de amar todos quantos o vosso Pai criou
e, mais ainda, os nossos inimigos.*

*Libertai a nossa alma e o nosso coração
do pecado, da intolerância, do egoísmo e da cobardia
para que sejamos dignos do Vosso sacrifício.*

*Fazei descer sobre nós,
Cavaleiros e Damas do Santo Sepulcro, o Vosso Espírito,
para que nos torne convictos e sinceros embaixadores
de paz e amor entre os nossos irmãos e irmãs e, principalmente
entre todos aqueles que pensam que não acreditam em Vós.*

*Concedei-nos a Fé
para enfrentar todos os problemas do dia a dia
e para merecermos chegar, um dia,
humildemente e sem temor,
à Vossa presença.*

Ámen

Barbiconi

1825



CAPA - MEDALHA - ACESSÓRIOS

BARBICONI SRL - Via Santa Caterina da Siena 58/60 00186 Roma

www.barbiconi.it info@barbiconi.it



@barbiconi